

DEFESA DE ESPINHO

DIRECTOR: ÁLVARO GRAÇA • FUNDADOR: BENJAMIM COSTA DIAS • SEMANÁRIO - ANO 50.º - N.º 2654 • QUINTA-FEIRA, 10 DE FEVEREIRO DE 1983 • PREÇO 15\$00

A promessa será cumprida...

«Continuamos à espera da casa prometida pela Câmara de Espinho» - lamentou-se ao nosso jornal a directora da Aldeia SOS, que se situa em Gulpilhares, Diana Castelo Branco.

Temos por essa instituição de apoio aos que não têm mãe, uma grande ternura. E foi com emoção que lemos a reportagem que sobre ela fez um nosso companheiro de trabalho e que «DE» publicou há oito dias.

Assistimos há cinco anos à construção dessa Aldeia. Através de um diário que então servíamos, ocupámo-nos dela com propósitos de divulgação e de estímulo para os responsáveis.

Recordámo-nos de um homem bom que se juntara a outros como ele na criação da segunda Aldeia SOS em Portugal. Falámos-lhe, e apreciámos o entusiasmo com que nos aludia a essa obra tão terna ao coração dos que se preocupam com aqueles que perderam a mãe ou foram abandonados por esta.

Referimo-nos a Pires Veloso, pai do militar do mesmo nome, que foi candidato a Presidente da República.

Com o «vovô» Pires Veloso estavam (e estão) outros da mesma envergadura moral, como o padre Romero, o eng. Eça Guimarães e Diana Castelo Branco. Os quatro viriam a dotar a Aldeia SOS dos requisitos indispensáveis à sua utilização por parte de uns tantos sem mãe, de facto, mas a quem a Obra deu «outras» mães, certamente (para os abandonados) com sentimentos superiores às das suas progenitoras.

Crianças que estariam irremediavelmente perdidas para a sociedade e algumas delas para a própria vida, vão ser, graças à Aldeia SOS, os homens e as mulheres de amanhã, com a mesma formação física e moral que se adquire em qualquer lar sadio para o corpo e para a alma.

Mas para que os autores e responsáveis pela Obra não sejam interrompidos ou prejudicados os seus propósitos é importante que as ajudas do exterior não deixem de seguir o rumo de Gulpilhares. É importante, ainda, que promessas feitas venham a ser cumpridas, de que referimos o caso concreto da Câmara de Espinho, ao ter prometido a seu tempo, uma casa para aquela Aldeia.

Ensina o velho ditado que «a rico não dê e a pobre não prometa». Ora, a Aldeia SOS de Gulpilhares, sendo como é, tão rica no seu conteúdo, é pobre nos proventos materiais de que dispõe, a tornar difícil a sua acção.

Pensamos que a nossa Câmara não deixará de cumprir...

ÁLVARO GRAÇA

Investidas cada vez mais perigosas

Quem segura o mar em Paramos?

Os moradores do lugar da Praia (Paramos) estão sempre à espera do pior:

é que são cada vez mais frequentes, e mais perigosas, as investidas do mar.

Tais investidas resultam, como se sabe, das obras

de defesa e recuperação das praias de Espinho, a norte daquele lugar de Paramos, que arrastaram as correntes perigosas para ali. A solução, diz a população (reportagem na página 5) e dizem os técnicos (notícia na página

7) é a construção de um quinto esporão, entre o lugar e a lagoa de Paramos.

Parece que não só esse quinto como um sexto esporões estarão em estudo na Direcção-Geral de Portos. Mas, é preciso acelerar tais estudos e

assegurar os meios financeiros para a concretização da obra. De outro modo, correr-se-á o risco de se assistir ali a uma tragédia semelhante à que em Espinho ocorreu em Fevereiro de 1978 e a muitas outras que a precederam.

«Clandestinas»: Câmara vai «dar a cara»?

PÁGINA 7

Políticos: o retrato - «robot»

Eles são mas não se definem!

ARAÚJO DE CASTRO

Nascido sob o signo maldito de mil traições o «25» depressa deixou cair a máscara da democracia e mostrou-se tal qual é: o rebentar do cano de esgoto. Por mais contraditório que pareça, a verdade nua e crua impõe-se ao povo de «este país», encarnada em dois monstros que o paralisam: a onipotência do Estado e a

prostituição do cidadão. O Estado-patrão exige que o indivíduo se prostitua o mais possível a fim de embolsar o maior rendimento. O cidadão é um cadáver putrefacto sobre o qual esvoaçam bandos de aves de rapina, um ser descarnado e tornado inerte pela acção devastadora da nova classe política. Nenhuma zona habitada da Terra pode orgulhar-se de possuir tanta abundância de políticos. Em «este país» o «político» está em toda a

parte, em todos os recantos. Não há lugar nenhum, onde o político não marque a sua presença. Tem uma razão particular para o ser: ele encarna o Estado e, por tal motivo, apodera-se de todo o sistema de vantagens que a sua condição lhe oferece. Possui uma gama quase infinita de malabarismos para conseguir cada vez mais vantagens. Tudo quanto faz é uma fonte de privilégios pessoais. A sua existência é garantida pela passividade a

que o povo de «este país» foi diabolicamente reduzido. O político nasceu, em parte, disto, vive disto e para isto, de tudo tira partido. Desencandeou o processo, o processo segue o seu curso, o político está em curso e identifica-se com o processo em curso. O político está sempre na crista da onda, mesmo que o processo seja uma tempestade ameaçadora, calamitosa.

(Continua na pág. 2)

O n.º 2 da PSP em Espinho

«Efectivos policiais são insuficientes»

O segundo comandante-geral da PSP, coronel Armando Freire, esteve na passada sexta-feira em Espinho, onde terminou a sua visita de trabalho de três dias ao distrito de Aveiro.

Logo à sua chegada à nossa cidade, Armando Freire, foi apresentar cumprimentos ao presidente da Câmara. Após este acto solene, seguiu-se um almoço de convívio, que decorreu nas precárias instalações da Polícia local, onde estiveram presentes as altas esferas da hierarquia da PSP e os presidentes da Câmara e da Assembleia Municipal de Espinho.

No final do almoço, o n.º 2 da PSP teve uma breve conversa com os jornalistas presentes. Depois de ter feito rasgados elogios a Espinho, considerando-a uma «terra adorável», reconheceu que a cidade «não tem os efectivos policiais suficientes, para dar uma resposta positiva ao que a cidade pede». Interrogado sobre as deficientes instalações onde está a funcionar o actual posto da PSP de Espinho, respondeu: «Na conversa que tive com o senhor presidente da Câmara, ele deixou bem clara a sua esperança em resolver os problemas que affli-

gem a população, em matéria de segurança». Depois de uma breve pausa, e a terminar, disse: «O presidente da edilidade está empenhado, dentro das suas possibilidades, de responder aos problemas da PSP, visto esta não ter condições para servir Espinho. No entanto, isto tudo depende do executivo camarário e da Assembleia Municipal».

NOLASCO PINTO
- MESMA TÓNICA

Dias antes, em Aveiro, o comandante distrital da PSP, No-

lasco Pinto, referira também a exiguidade das instalações policiais de Espinho, que impediam dar à cidade os efectivos suficientes para as necessidades.

«Por isso é que Espinho tem uma considerável criminalidade» - acentuaria na altura o comandante distrital da PSP.

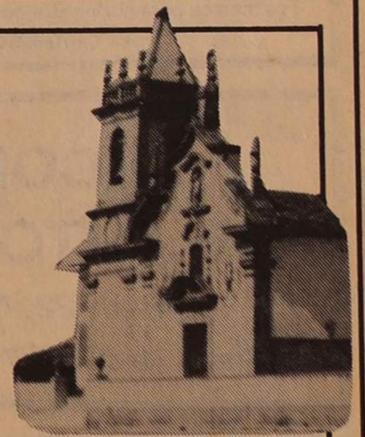
Recorde-se que, há meses, também o comandante-geral da corporação, de visita a Espinho, pedira à Câmara instalações para poder dotar a cidade com quase o dobro dos actuais efectivos.

ANTA

Cemitério vai ser alargado

Tudo se conjuga para que as obras de ampliação do cemitério de Anta arranquem a breve prazo.

A freguesia custeará a ampliação até às necessidades próprias em termos de espaço. O restante será pago pelo município vindo a funcionar como um complemento do cemitério de Espinho, que está «superlotado».



Tomates e votos pede o rei Polícticus

OVAR (Do nosso correspondente, Waldemar Gomes Lima) — Perante a apoteose de milhares de pessoas ao longo do percurso, desceu do «comboio real», cerca das 16 horas de domingo, na estação de Ovar, Sua Majestade o Rei Zé A. . . Polícticus, «o Desiludido», e sua Alteza D. Crise VIII. Foram recebidos calorosamente por muitas centenas de foliões, mascarados, grupos carnavalescos, bandas de música, etc.

O desfile percorreu o itinerário habitual e abria com a fanfara dos Bombeiros Voluntários de Esmoriz, seguindo-se os grupos fantasiados de carnaval de Cimo da Vila, Banda do Lau I, Guilhovai, Furadouro (Ovar-Praia), Banda do Lau II, Válega I e II, Arruela, Banda Nova, Outeiro e Mota, Lamarão, Banda do Souto I, Vitória Clube de Ovar, Campos, Banda de Aveiro, Alto de Saboga.

Os monarcas eram transportados num jipe, em virtude da «gasosa» cada vez mais «queimar» a carteira do «Zé Mexilhão». Durante o percurso ele dirigia «tomas» (à Zé Povinho) ao povo e ela «beijocas» por atacado. Logo a seguir muitos mascarados e a banda de Souto II. Muitas piadas, todas elas bastante adequadas ao momento de crise política em que vive mergulhado o nosso país e, bem assim, as mais variadas críticas de carácter local.

Fechava o cortejo o carro que transportava o célebre grupo de carnaval «Engelhados». A ele, em boa verdade, se ficou a dever o arranque, a alegria, o colorido, a cor e a projecção alcançados pelas festas do Carnaval de Ovar, apesar de quase todos serem avós e figurarem no carnaval há 32 anos.

Após a chegada da viatura à Praça do Palácio das Necessidades, e não só, contíguo ao tão

falado e famoso «aberto» (onde os novos donos da praça e dos «lacaíes» vão instalar dentro de seis meses as tão faladas repartições para esfoliar ainda mais o «Zépagante», no sentido de manter os politiqueros de trazer por casa e os seus futuros governantes ou governados, comilões, sem nunca esquecerem os «apartidários» e trabalhadores sem alianças ou anilhas, mas — dizíamos —, após a chegada do rei à praça, este dirigiu a sua mensagem de carnaval a todos os seus súbditos.

Tratava-se realmente de uma mensagem que aflorava os problemas mais importantes de todos os Zés e todas as Zézas e os das Terras do Var. Entre os veementes pedidos feitos, apelava Sua Alteza aos agricultores para plantarem somente «tomates». A terminar, apelava para votarem nele nas próximas eleições. Em troca daria mais alegria, mais reinação, mais animação.

No final, o júri classificou as seis primeiras piadas individuais. Destacamos as seguintes:

Qual será o próximo? (uma roleta em que em cada bola figuravam as iniciais dos partidos) — O país está de tanga / eu de tanga estou ficando / mas é um regalo ver / tantos governos mudando.

Pensão Ramalho (um cozinheiro, devidamente vestido, conduzindo uma travessa com dois alourados tomates em condições de comer) — Eis aqui a refeição / tomates à presidente / é um prato de eleição / que cai mal a muita gente.

Leitaria de S. Bento — Maminhas, mamãs, mamonas / são três formas de mamar / uns não querem largar a mama / outros querem é começar.

O matagal do jardim da estação — Para passar no jardim da estação / só de lanterna e pistola na mão.

Quando à classificação das piadas colectivas ganhou o primeiro prémio a Co-ligação; 2.º, a equipa de jogadores da AD; 3.º a comissão de carnaval.

Muito breve

A análise desapaixionada da acção das câmaras de Espinho e Ovar (ter «Momento») conduz-nos inegavelmente à conclusão que do outro lado da Barrinha o poder local é de longe mais produtivo. Porque — e não se vejam aqui segundas intenções —, compete aos autarcas espinhenses descobri-lo.

G.J.

Rancho Sra. dos Altos Céus tem plano de acção

A «linha de rumo» do Rancho Folclórico N.º Sr.ª dos Altos Céus, de Esmojães, está contida num plano de 10 pontos.

É o seguinte:

1 — Actuar no Casino de Espinho (Solverde) — em jantares-concerto e outros espectáculos; também noutros casinos portugueses, sempre que solicitados e contratados para o efeito. 2 — Participar com o rancho em todas as organizações de benefícios graciosamente. 3 — Participar em todas as realizações culturais organizadas pela Câmara Municipal e pela Junta da Freguesia de Anta, quando solicitados. 4 — Propor à nossa Câmara representar Espinho nas cidades de Viseu e Vila Real no âmbito do intercâmbio cultural entre estas. 5 — Organizar um minifestival folclórico integrando ranchos folclóricos da nossa região. 6 — Propor à Solverde, concessionária do Casino de Espinho, organizar um festival folclórico a nível internacional. 7 — Propor à Câmara de Espinho organizar um fes-

tival folclórico integrando todos os ranchos do nosso concelho a realizar na época balnear. 8 — Actuar com o rancho nas festas populares da nossa região assim como noutras regiões do País e no estrangeiro. 9 — Modernizar a sede para que os componentes do rancho possam passar alguns tempos livres, tendo condições mínimas para o fazer. 10 — Criar uma secção de informação a nível do grupo — e eventualmente a outras colectividades culturais, recreativas e desportivas da freguesia.

Concurso de fantasia no ex-Liceu

Na próxima segunda-feira à noite (véspera de Carnaval) a Comissão de Finalistas da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira (ex-Liceu) promove naquele estabelecimento de ensino o 3.º Concurso de Fantasia. Haverá vários prémios.

O concurso intervalará um baile de carnaval.

«Guetim: contas da Junta»

Em relação à local com o título em epígrafe, cumpre-nos corrigir uma afirmação atribuída a Manuel Ramos e Manuel Soares, do PSD. De facto, não nos afirmaram «já aprovámos cinco orçamentos e não aprovámos nenhum relatório de contas» mas sim «temos em nosso poder cinco orçamentos e não aprovámos nenhum relatório de contas».

Silvalde foi ao teatro

«Aldeia e cidade», este o título da revista levada à cena no passado sábado, pelo Grupo Beneficente «Os Amigos dos Pobres de Grijó», no Salão Paroquial de Silvalde.

«Romaria do sr. da Pedra», «Vida cara» e «Quadro popular», estes alguns dos temas desenvolvidos na peça, de 2 actos.

FERNANDO RODRIGUES LIMA

TRAVESSA DA RUA 5 — TRASEIRAS DA GARAGEM SOUSA — TELEF. 721739

Distribuidor dos papéis COLOWALL com nova colecção acabada de sair, VIMURA, PARÊTA, PARATI, etc. Pavimentos para cozinhas e casas de banho; Alcatifas, etc.

— Orçamentos grátis —

RECOLHAS DE AUTOMÓVEIS

RUA 22, N.º 1321

Trata: Telefones 721072 — 724433

LEIA E ASSINE

DEFESA DE ESPINHO

LONDON PUB

Rua 27, n.º 710 — Telef. 724359 — ESPINHO DIAS 11 e 12 (Sexta e Sábado)

MÚSICA AO VIVO COM O GRUPO: F. M.

Aberto:

De 2.ª a 6.ª das 21 h às 2 h
Sábados e Domingos — Das 15 h às 2 horas

ADMITEM-SE

2 AJUDANTES DE PASTELEIRO

Contactar

SUPERMERCADOS GAMA

Rua 19, n.º 451 — 4500 ESPINHO

Eles são mas não se definem!

(Continuação da pág. 1)

E desde que o político se identificou «ab origine» com o processo, este não mais terá fim, porque o político não quer desaparecer. O político tornou-se a essência, a espinha dorsal, a raiz e o cerne da democracia que «este país» não compreende, mas que nenhum povo terreno compreende, desde o mais civilizado ao mais cafrealizado. É que o político de «este país» diz e não diz, pensa e não pensa, faz e não faz, ri e não ri, chora e não chora, numa palavra: está sempre no vento. É aquilo e só aquilo, rigorosamente aquilo que no momento lhe convém ser. Será judeu se lhe convém ser judeu, mas será árabe se lhe convier ser árabe. Será cristão se lhe convier ser cristão, mas será maçã se lhe convier ser maçã. E, o que é evidente, é um ser imutável, um dos que nunca muda, porque é sempre «político». Nisto a sua essência identifica-se com a sua existência. Ele é estático, permanente, substancial; o seu modo de operar, actuar, agir é que varia em conformidade com as vantagens que, de momento, se lhe oferecem. Tanto está dentro como está fora, colabora como se afasta, concorda como discorda. Ele é um homem certo para o lugar certo. E o lugar certo para ele é o lugar mais vantajoso para ele. Este, o princípio base da sua acção, princípio base de que nunca abdicará, aconteça o que acontecer, porque abdicar deste princípio é destruir a própria estrutura moral e intelectual do político.

O político ignora o princípio de identidade, não raciocina logicamente. Nega o princípio da não-contradição e do terceiro excluído. Tem uma estrutura mental e uma configuração moral assentes em três princípios: o da disponibilidade, o da probabilidade e o da participação. O «político» é o ser ambulante que está sempre disponível para as vantagens, os privilégios, as recepções. É um ser sempre provável para a ocupação para cima, nunca para baixo. Vê no lugar que ocupa, aqui e agora, o trampolim para o lugar mais além e logo. É um ser participante, porque está sempre a participar de qualquer modo, de qualquer «benefício». É o ser evolutivo, em constante evolução, porque nunca é o mesmo. A sua estrutura moral tem uma característica marcante, profundamente individualizante: a

atualização. É por isto que o «político» é o ser que está a actualizar constantemente o carácter. A disponibilidade desenvolve-lhe permanente capacidade de adaptação. A disposição é sempre disposição, ainda que umas vezes seja mesmo disposição (disposição de sinal positivo), e, outras vezes, disposição sinistra (disposição de sinal negativo). A disposição é sempre a mesma; as tendências é que variam em obediência aos princípios da disponibilidade, da probabilidade e da participação, quer dizer: à estrutura moral e mental do «político». Esta fluidez, esta maleabilidade, esta plasticidade, não determina nem sequer condiciona a configuração física do político, a qual, como é evidente, pode ser infinitamente variável, mas determina a sua conformação mental e moral de tal modo que se identifica com ela. É que desgrazadamente, se o político pode ser objecto de análise, é, pelo contrário, impossível de definir. Não é possível nem uma definição pelo género próximo e diferença específica nem uma definição descritiva, criadora. O «político» é o ser indefinível, não se define por si nem em si, porque mais do que uma configuração física, ele é um estado de espírito, uma tendência moral, uma vocação decidida e imparável. Por isso, nada lhe resiste: considerações pessoais de qualquer natureza, preceitos, leis, usos, costumes, hábitos, tradições, etiquetas, tudo isto e nada disto constitui obstáculo para o político.

O político não constrói porque só vinga em toda a espécie de destruição. A construção dele é destruição de tudo o que não é dele nem para ele. Por isso nada faz e tudo desfaz. A sua expressão oral é curta e fundamentalmente ambígua: «talvez», «vamos ver», «tomei nota», «não é oportuno», «é oportuno». Passado imenso tempo, nem a decisão: «não, não pode ser», «não é oportuno». Fica-se sem se saber nada, porque o político não sabe nada, não faz nada, é incapaz de fazer. O político é uma celebridade entre os que nada sabem e nada fazem, mas tudo desfazem. É aquele que identifica a porcaria, a miséria, a libertinagem a pedincha com a democracia. «Estamos em crise, mas salvamos a democracia». A «crise» é a situação a que «este país» foi reduzido em nome da «democracia», por obra dos políticos.

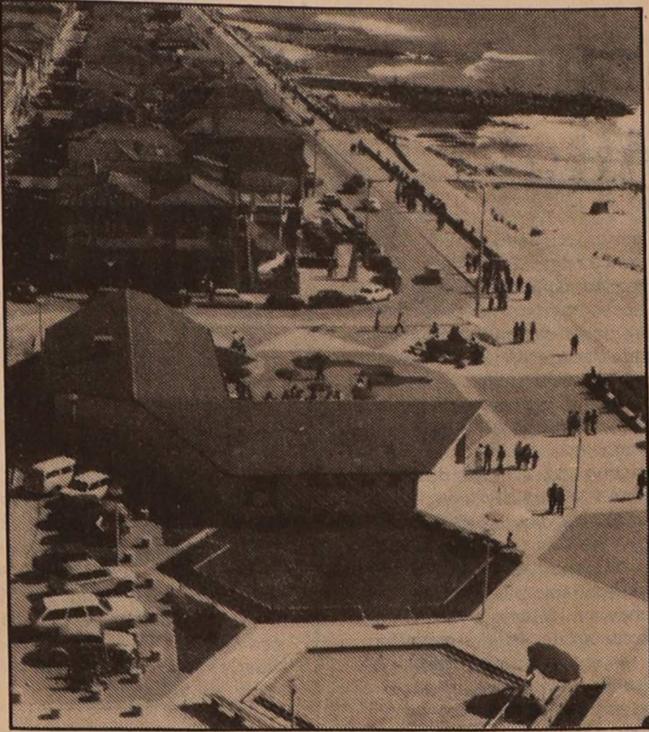
Pagamento de assinaturas

Lembramos aos nossos assinantes a conveniência de liquidarem as suas anualidades até ao fim de Março, por forma a evitarem a cobrança ao domicílio, que será sobrecarregada com um adicional de 50\$00 para as despesas inerentes.

Ao acederem a este nosso pedido os assinantes, para além de pagarem apenas 500\$00, não sobrecarregam os nossos serviços.

Pedimos, pois a melhor compreensão.

A Administração



Para uma boa praia é preciso areal — e ele em Espinho não abunda. Daí que, por cá, seja muito mais importante a criação de condições que «segurem» os banhistas

«Boletim Cultural»

«Obras de defesa — porto de pesca», «notícia da localização do castro de Ovil em Paramos» e «S. Félix da Marinha (monografia)» são os títulos de maior destaque no último «Espinho — Boletim Cultural» — o n.º 14, volume IV —, publicação da Câmara Municipal dirigida por Francisco Azevedo Brandão.

O «Boletim Cultural» pode ser adquirido em qualquer livraria da cidade.

Banhistas querem uma praia melhor

Frequentadores e concessionários da praia da Costa Verde dirigiram ao presidente da Câmara

uma abaixo-assinado que nos chegou às mãos e que se transcreve:

«Frequentadores e concessionários da praia da Costa Verde, ao norte do Rio Largo, solicitam a V.ª Ex.ª se digne providenciar no sentido de resolver, com a máxima urgência possível, dois problemas que afectam não só os abaixo-assinados como demais veraneantes e turistas estrangeiros, dando assim, ao contrário do que se pretende, uma imagem negativa da praia de Espinho.

«Os problemas a que nos referimos são a limpeza das areias da praia por forma a que no início da época balnear se apresentem com um aspecto decente, e a inexistência de instalações sanitárias na zona ou proximidade.

«Ousamos sugerir que no primeiro dos casos a edilidade que V.ª Ex.ª dirige solicite a colaboração do Regimento de Engenharia de Espinho. No segundo caso, terá a Câmara de reservar alguns dos seus parques meios para a construção dos referidos sanitários. É, porém, uma obra prioritária, conforme aliás tem referido a imprensa espinhense, pois a inexistência de tais instalações cria situações deveras embaraçosas nomeadamente a senhoras».

Novos assinantes

Registamos os seguintes novos assinantes: João Rocha (RFA), Alberto Costa (França), José António Nogueira (A. do Sul), Manuel Santos (Silvalde), João Félix e José Cruz (Espinho), Ângelo Correia (Anta), Albertino Filipe (Paramos) e Joaquim Oliveira (França).

Escola da Quinta (Anta)

Reparação do pavimento já em curso

Está já em curso a substituição do pavimento dos dois blocos (quatro salas) da nova escola primária da Quinta (Anta). Estas obras demorarão cerca de três semanas.

Como os nossos leitores devem estar recordados, na edição de 20 do passado mês, foi o nosso jornal que alertou para a

situação escandalosa que se estava a passar na escola atrás referida. O dito estabelecimento de ensino estava encerrado porque o piso das salas de aula era tóxico. Pela rápida resolução do problema, por parte da D.C.E.C.

(Direcção das Construções Escolares do Centro), poderemos

concluir que o nosso alerta não caiu em «saco roto»

Ainda sobre a reportagem feita pelo nosso jornal, o presidente da Câmara de Espinho, Artur Pereira Bártolo, felicitou o «Defesa de Espinho», porque «se não fosse o vosso jornal, o problema continuava a arrastar-se e eu continuava desconhecedor dessa situação».

Concurso para admissão de contínuas

Desde a passada segunda-feira e por um prazo de dez dias, encontra-se aberto concurso para o lugar de contínuas de 2.ª classe para as escolas n.º 1, 2 e 3 de Anta, neste concelho de Espinho.

As pessoas interessadas devem dirigir-se às referidas escolas ou, então, à Delegação Escolar de Espinho (escola no ângulo das ruas 19 e 22), onde se encontram afixadas as normas que deverão respeitar, a fim de serem admitidas.

Achados na PSP

Encontram-se na secção dos achados da PSP local os artigos que a seguir referimos:

- Vários molhos de chaves
- Um jogo de lençóis
- Um porta moedas com dinheiro
- Um velocipede simples
- Uma camisola em malha

N. da Regedoura protesta

Variante à 326 impede acessos aos terrenos

Embora com algum atraso, se consideramos anteriores declarações de responsáveis da obra ao nosso jornal, tudo parece conjugar-se para que a muito breve trecho a variante à Estrada-Nacional n.º 326 (prolongamento da Rua 19) abra ao trânsito em toda a sua extensão (Anta-Nogueira da Regedoura). Neste momento estão a ser executadas as ligações com a velha Em 326, em Olivães (N Nogueiras da Regedoura).

Entretanto, conforme nota o correspondente do «Correio da Feira» naquela freguesia, no úl-

(Continua na pág. 5)

Agenda



TURNO E



Avança a defesa frontal junto à capela, que transforma numa ilha, o Lugar da Praia. Se não se construir um quinto esporão, qualquer dia outro Fevereiro de 78 (foto de António Pereira)

pousar de um dia estafante. Um por exemplo, na noite anterior à nossa deslocação ao Lugar da Praia, havia sonhado que «a capela tinha sido levada nas ondas do mar».

Desejamos que os responsáveis pela defesa da costa marítima portuguesa não esperem

deixou sair dali sem que fizesse um último apelo quem de direito: «Se não nos fizerem aqui uma «defesa» nós acabamos mais dia menos dia, por sermos comidos pelo mar».

Agora só fazemos votos para que este, como muitos alertas, não caia em «poço sem fundo».

LUSOTUFO

TAPETES - CARPETES - ALCATIFAS

Telefone 72005 — CORTEGAÇA

CASINO SOLVERDE ESPINHO

SESSÕES DIÁRIAS

Hoje, Quinta-feira, às 9,30 h
«STAR-TREK 2» — Não Ac. m/13 anos
Às 15,30 e 21 h — De 11/2 a 17/2
«FAME» Int. m/13 anos
Sextas, sábados e domingos 3 sessões
Sextas e sábados: 15,30, 21,15 e 23,45 h
Domingos: 15,15, 17,45 e 21,30 h
Sexta-feira, dia 11, às 23,45 h
«SELVAGENS DA NOITE» — Não Ac. m/18 anos
Sábado, dia 12, às 23,45 h
«O PROFESSIONAL» — Não Ac. m/18 anos
DOMINGO ÀS 11 H — MANHÃ INFANTIL
«HEIDI — A RAPARIGA DOS ALPES» — m/4 anos



Carnaval de Ovar

Domingo e terça os dias grandes

Aquele que é considerado o mais deslumbrante carnaval do país — o de Ovar — terá domingo e terça os seus dias grandes, com a realização dos cursos carnavalescos.

Com início pelas 15 horas, tanto no domingo como na terça, os cursos abrirão com um conjunto de majorettes. Seguir-se-ão 25 grupos, ricamente fantasiados num verdadeiro festival de cor, movimento, alegria e música. Desfilarão imponentes carros alegóricos, piadas com actualidade carnavalesca e humor tipicamente vareiro, bandas de música, mascarados e outras novidades.

São cerca de 1500 os figurantes dos cursos.

COMPLEXO HOTELEIRO NO FURADOURO

OVAR (Do nosso correspondente, Waldemar Gomes Lima) — o grupo investidor proprietário do Hotel «Dighton», de Oliveira de Azeméis — imóvel onde se situa o tão conhecido e apreciado restaurante giratório — está deveras interessado na construção de um moderno hotel na praia do Furadouro (Ovar-Praia) com 100 quartos e dotado de uma piscina, discoteca, cineclub, parque desportivo (ténis e minigolfe) e ainda instalações adequadas à realização de congressos, com a capacidade de 800 a 1000 pessoas.

A referida empresa pretende, se possível, que o seu valioso complexo hoteleiro fique situado nos terrenos existentes a norte da primeira rotunda, à entrada daquela movimentadíssima artéria. O empreendimento está orçado em cerca de 400 mil contos.

Como tudo aconselha, desejam e esperam receber do actual executivo o maior apoio no sentido de conseguirem a aquisição dos terrenos julgados indispensáveis para um empreendimento de tão grande projecção, bem como a aprovação do respectivo projecto e demais facilidades que uma obra destas deverá merecer da autarquia vareira. Isto, na medida em que ela irá colmatar uma brecha local — é que não existe qualquer estabelecimento hoteleiro na tão procurada praia do Furadouro. O facto tanto mais de espantar já que a zona faz parte do perímetro urbano da vila e futura cidade.

Fazemos votos para que o projecto deste grandioso empreendimento hoteleiro não venha a dormir nas gavetas dos organismos estatais o sono dos mortais, como tem acontecido com o complexo hoteleiro dos Amorins (a erguer na antiga quinta da família Colares Pinto, no Carregal) que há muitos anos se anuncia (incluindo o tão desejado campo de golfe) e que nunca mais vê a luz do dia. E fica assim prejudicado o aproveitamento turístico de toda aquela zona situada entre o mar e a ria dos sonhos!...

Como estava «numa boa» foi chatear para o hospital

A 4 de Agosto de 1982, Jorge Manuel de Oliveira Costa, de 25 anos, solteiro, marceneiro, entra

na urgência do hospital de Espinho muito agitado, fazendo aquilo que popularmente se pode

chamar uma algazarra dos diábolos.

O médico de serviço vê-se,

assim, obrigado a pedir a intervenção da PSP local que, ao chegar ao local, tem que agarrar o nosso homem para evitar o alastramento do «chinfrim». É então que o Jorge Manuel deixa cair de um dos bolsos uma embalagem contendo haxixe.

Tinha-se assim a prova provada que o Jorginho estava «numa boa». Depois de tratado, foi à PSP prestar declarações e um destes dias foi parar ao banco dos réus.

Ali, perante o juiz, alegou que o alucinogénio era tão-só para consumo próprio e que o tinha comprado a um desconhecido.

A sentença ditada condenou-o em 30 dias de prisão, mais 5 mil escudos de indemnização. Porém, como se tratava de um delinquente primário, a pena foi suspensa por dois anos. Quer isto dizer que desta acabou mas que a mais pequena diabrura nos próximos 730 dias o levará inevitavelmente ao «xadrez».

Distracção levou-o ao hospital

António Ferreira Nogueira, de 15 anos, solteiro, trolha, com residência no lugar de Cassufas-Anta, foi internado no hospital de V.N. Gaia, devido aos ferimentos graves que sofreu na colisão que teve com um veículo estacionado numa artéria desta cidade.

Quando António Nogueira tripulava a sua motorizada, de matrícula 2 ESP-27-23, por distração foi embater nas traseiras de um ligeiro de mercadorias de matrícula TM-62-17. O proprietário deste último veículo é Manuel Fernando da Silva e Sousa, de 38 anos, casado, carpinteiro, morador no lugar de Bessada-Nogueira da Regedoura-Feira.

Deste acidente, para além dos ferimentos causados no primeiro condutor, há a lamentar danos em ambos os veículos.

CRUZAMENTOS SÃO UM PERIGO

Começa já a fazer parte do dia-a-dia dos espinhenses assistir-se a constantes acidentes nos cruzamentos da nossa cidade. Mais um a juntar a muitos outros, ocorreu no cruzamento das ruas 20 e 41.

Os veículos que estiveram na origem deste, «beijo», de matrículas CR-73-99 e ZE-25-79, ambos ligeiros, eram conduzidos respectivamente por Fernando Violante Botelho, de 33 anos, casado, operário, residente no lugar da Carvalheira-Maceda-Ovar, e José Fernando de Castro, de 51 anos, casado, empregado de escritório, morador no lugar da Cruz-St.ª Maria de Lamas-Feira.

Esta colisão originou danos consideráveis nas duas viaturas, bem como alguns ferimentos na passageira do segundo automóvel, Ana Maria Santos Carvalho de Castro, de 16 anos, solteira, estudante, que depois de receber tratamento no hospital local seguiu o seu destino.

Pessoais

NASCIMENTOS

No dia 24, Joana Armanda, filha de Armando Pereira de Sá, e de Eugénia Maria Pereira da Rocha de Sá, no lugar dos Ribeirinhos-Paramos. No dia 24, Rui Miguel, filho de Fernando Cândido Bastos da Silva e de Margarida Pereira Ribeiro Bastos, na Rua 15, bairro José Romão, casa 2. No dia 27, Luciano Ricardo, filho de José Pereira e de Maria do Rosário Moreira, no bloco C, entrada 3, 1.º Esqu.º, Anta. No dia 27, Daniela Marina, filha de José Augusto Pereira dos Santos, e de Susete Margarida de Jesus Lopes Serra dos Santos, no lugar da Ponte de Anta-Anta. No dia 29, Maria Arminda, filha de António Ferreira Viela e de Maria Fernanda Gomes Brandão, no lugar da Praia-Paramos. No dia 29, Sílvia Cristina, filha de Artur Gomes dos Santos e de Maria Irene Rodrigues Maganinho, na Rua 43 n.º1.

CASAMENTOS

No dia 29, Manuel Gabriel da Rocha Oliveira, de 33 anos, e Rosa de Jesus Leite, de 33 anos, em Silvalde. No dia 29, Luís António Pereira de Meneses Corte-Real, de 24 anos e Maria Cristina de Carvalho Alves Ribeiro, de 24 anos, em Espinho. No dia 29, António Luís Ferreira Pereira, de 24 anos e Angelina de Fontes Lopes, de 26 anos, em Grijó-V.N. Gaia. No dia 30, Paulo Fernando Baptista de Oliveira, de 21 anos, e Teresa Cristina dos Santos Oliveira, de 16 anos, em Silvalde. No dia 30, Luís Guedes Pires, de 25 anos, e Ana Paula da Silva Maia, de 21 anos, em Silvalde.

ÓBITOS

Domingos Pereira Bóia, de 74 anos, casado, no lugar do Monte Lírio-Anta, no dia 29. José Ferreira de Sousa, de 58 anos, casado, no lugar dos Altos-Céus-Anta, no dia 29. Maria Augusta Valente de Almeida, de 92 anos, na Rua 5 n.º 289, no dia 31.

Em Espinho

Nasceram tri-gémeos

Na passada quinta-feira, nasceram, no hospital concelhio de Espinho, três gémeos. Segundo sabemos, o parto decorreu de forma normal, apesar de ainda não terem atingido os nove meses habituais.

A parturiente Alzira Cardoso dos Santos, de 28 anos, com morada no lugar dos Lagos - Riomeão-Feira, depois de ter dado à luz os seus três «rebetos» teve que se separar deles. Os tri-gémeos foram transferidos para a Maternidade Júlio Dinis, onde foram colocados numa incubadora.

À hora em que fechamos esta edição, fomos informados que apenas um dos tri-gémeos era vivo, um rapaz. Os outros dois, um rapaz e uma rapariga, tinham já perecido.

LOLI-BIJU

A CASA DE MODAS
QUE FALTAVA EM ESPINHO!
CONFECÇÕES
PARA SENHORA E HOMEM
BIJUTARIAS

LOLI-BIJU

ONDE A QUALIDADE E O BOM GOSTO
NÃO CUSTAM MAIS CARO!

UMA AGRADÁVEL SURPRESA

RUA 19 N.º 230 - Telef. 723711

CARNAVAL DE OVAR

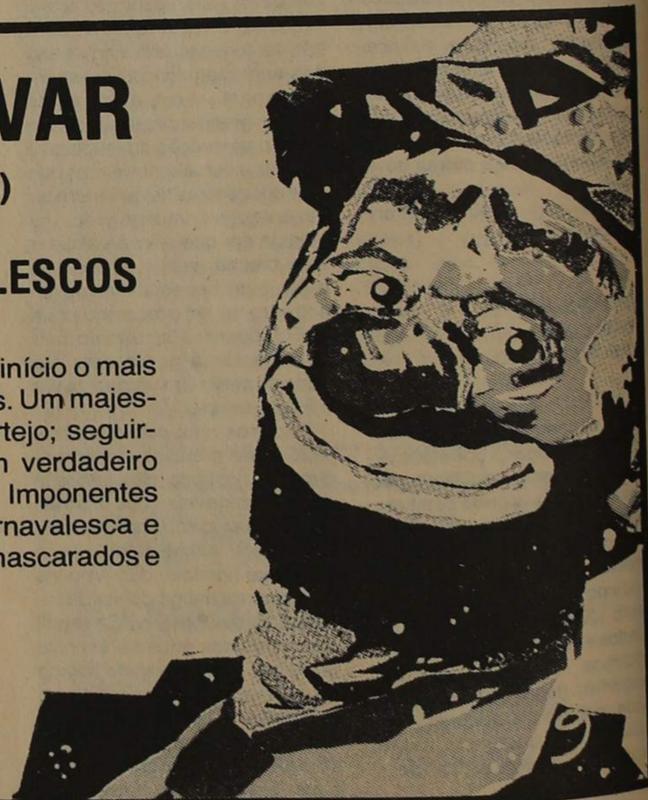
Domingo e terça (15 horas)

GRANDES CORSOS CARNAVALESÇOS

DOMINGO GORDO, DIA 13 - Às 15 horas terá início o mais deslumbrante curso carnavalesco do nosso país. Um majestoso cortejo de Majorettes abrirá o Grande Cortejo; seguir-se-ão 25 grupos, ricamente fantasiados num verdadeiro festival de cor, movimento, alegria e música. Imponentes carros alegóricos, piadas com actualidade carnavalesca e humor tipicamente vareiro, bandas de música, mascarados e outras novidades.

Mais de 1 500 figurantes incorporar-se-ão no cortejo.

TERÇA-FEIRA, DIA 15 - Às 15 horas, repetição integral do cortejo.



Investidas do mar em Paramos

«Até os cães bebem água de pé»

□ JORGE PEREIRA

Quando o Inverno nos bate à porta, logo as preocupações das populações que vivem junto à costa marítima portuguesa aumentam. Essa subida de tensão dessas humildes pessoas — normalmente, pescadores — tem a sua razão de existir, porque é precisamente nesta época do ano em que o mar faz as suas fortes investidas.

Recordamos, como se tivesse passado ontem, aquele domingo de Fevereiro (dia 26) de 1978, quando se registou uma das últimas grandes «fúrias» do mar. Muitas casas ficaram destruídas ou inundadas. Algumas dezenas de famílias ficaram sem os seus lares e haveres. Enfim, uma tragédia que poderia ter atingido proporções catastróficas e enlutado o nosso concelho. O Presidente da República, general Ramalho Eanes, os ministros da Defesa e da Habitação e Obras Públicas, respectivamente coronel Firmino Miguel e eng.º Sousa Gomes, estiveram entre nós para verem «in-loco» os estragos causados pelo encapelado oceano Atlântico que nos banha.

A palavra «solidariedade», neste período, foi uma constante e não uma palavra vã sem qualquer sentido. Aqueles que nada tinham sofrido com a tempestade, não regatearam esforços para pôr a salvo as pequenas coisas dos desalojados que tinham escapado às ondas encrespadas.

«Depois de casa roubada, trancas nas portas» — diz o povo e com razão. Também no caso dos temporais registados nesse famigerado Fevereiro de 1978, o mesmo aconteceu. Muitas promessas foram feitas, e logo se apontou a resolução da defesa da

praia. Os estudos e projectos que se encontravam nas gavetas dos grandes gabinetes saíram logo para a rua, para que fosse dada a sua execução.

Apesar de já estarem quatro esporões em grosso, faltando apenas a sua conclusão, não será demais explicar aos leitores, que aqueles que estão constru-

«Se não nos fizerem aqui uma «defesa» nós acabamos, mais dia menos dia, por sermos «comidos» pelo mar».

Desejamos que os responsáveis pela classe da costa marítima portuguesa não esperem por mais um fatídico Fevereiro de 78.

dos junto à piscina e nas imediações da fábrica de conservas se destinam para além da defesa da praia também à recuperação do areal que se perdeu com as investidas do mar. Os outros dois, nas praias de Silvalde e Paramos, apenas têm a função de manter a mesma extensão de areia. Por aquilo que nos foi dito por alguns paramenses, o seu grande sonho, era a existência de

um quinto esporão, entre o Lugar da Praia e a barrinha.

A semana passada fomos alertados por algumas pessoas que ali vivem para o sério risco de mais dia menos dia, a capela de S. João bem como algumas casas serem levadas pelo mar.

O nosso jornal esteve no local, onde para além de ter visto com que «fúria» o mar entra pela dita praia, ouviu as queixas de alguns moradores deste lugar.

«Há 3 semanas vieram aqui pôr umas pedras, mas hoje, como o senhor já pode ver, elas já desapareceram com os «lançamentos» (investidas) do mar» — foram as primeiras palavras de Maria da Glória, sobre a protecção que tinha sido feita à capela e às habitações. Esta senhora lamenta-se que os responsáveis oficiais tenham conhecimento da maneira como o mar está a avançar dia para dia, sem nada fazerem, apesar das promessas de uns esporões. Fez questão de nos recordar, que no ano passado, o mar «nos comeu grande parte da praia». Alguém que de perto assistia a este diálogo, reforçou, dizendo: «Há cinco anos, ele chegou mesmo à pista do aeroclube». Um outro, muito ironicamente, afirmou-nos: Quando o mar chega cá cima, até os cães bebem água de pé».

Por aquilo que soubemos, os habitantes do lugar da Praia, não se têm calado perante a situação perigosa em que vivem. Por exemplo, Maria da Glória já teve oportunidade de expor este problema aos engenheiros que estão encarregados da construção dos esporões, mas eles — segundo a versão desta senhora

— respondem que não têm ordem nem dinheiro para os construir. Maria da Glória é contra as «pedrinhas que cá põem» porque considera essa solução como um pouco de água que se delta num grande fogo».

Para Adelino Cáreu, esta situação no Lugar da Praia está cada vez pior, porque «com as obras que fizeram a Norte de Paramos, ficámos prejudicados. Agora nem praia temos...» Este senhor

posso dizer-lhe, se não tomam as devidas precauções, a capela de S. João val pelo mesmo caminho».

Podia ler-se no rosto destes homens e mulheres, aquilo que tem sofrido com os prejuízos que as «fúrias» do mar lhes têm trazido. Alguns, de tão traumatizados que estão com esta situação, até que têm pesadelos de noite, quando estão no seu leito a re-

por mais um fatídico Fevereiro de 78, para que o tão ambicionado esporão a Sul do Lugar da Praia seja uma realidade para os paramenses daquele local. Um pescador que ali reside, não nos



Em dias de marés vivas, o mar avança a defesa frontal junto à capela, que transforma numa ilhota, e espraia-se pela artéria central do Lugar da Praia. Se não se construir um quinto esporão, qualquer dia teremos outro Fevereiro de 78 (foto de António Pereira)

movimenta-se num carrinho de rodas e já foi por duas vezes vítima das investidas do mar. Em jeito de retrospectiva, foi-nos dizendo, com alguma emoção: «Lembro-me de uma capela neste sítio ter sido devorada pelo mar». Com muita certeza, afirmou-nos: «Olhe uma coisa

pousar de um dia estafante. Um por exemplo, na noite anterior à nossa deslocação ao Lugar da Praia, havia sonhado que «a capela tinha sido levada nas ondas do mar».

Desejamos que os responsáveis pela defesa da costa marítima portuguesa não esperem

deixou sair dali sem que fizesse um último apelo quem de direito: «Se não nos fizerem aqui uma «defesa» nós acabamos mais dia menos dia, por sermos comidos pelo mar».

Agora só fazemos votos para que este, como muitos alertas, não caíam em «poço sem fundo».

N. da Regedoura protesta

(Continuação da pág. 3)

timo número do nosso colega, a variante veio dificultar o acesso aos terrenos à sua margem.

Diz o correspondente do «CF»:

«Não posso deixar de repetir o aforismo: «quando aqueles que mandam perdem a vergonha, os que obedecem perdem o respeito» — É ilógico, é absurdo, incongruente e abusivo que quase no fim dos trabalhos desta artéria ou seja do seu prolongamento e iniciação de concessões de camionagem, os poderes responsáveis teimem na cobardia de privarem os utentes dos terrenos contíguos e fruto da expropriação do acesso aos mesmos, como já o tinham anteriormente. Tenho batido e rebatido esta tecla. Será desastroso que possa aparecer um outro espírito vizelense indesejável quando se pugna por um legítimo e consagrado direito. E é pena que isto possa acontecer. Estão afectados nogueirenses e também os nossos vizinhos de Anta e Gueitim.

«Por três vezes foi dirigido um ofício à Junta Autónoma de Estradas causticando este impe-

rioso e magno problema. Sabemos que tais ofícios foram recebidos e até comentados e também sabemos e é triste dizê-lo que até ao momento nada se fez para a sua solução. Continuam inertes, surdos às legítimas pretensões de tantos lesados e nós, continuamos a ser como esses antigos povos da Mesopotâmia, como os moabitas ou edomitas como lhe queiram chamar. Este povo tem sido esquecido, mas não é um povo com caracteres mongólicos ou inaptos. Desprezados sim como se não existissem. E é triste que este grito de desespero, e porque não dizer quase um S.O.S. continue a não ferir o tímpano daqueles que tomaram rédeas de comando e que continuam a ferir com o seu silêncio que às vezes e neste caso dilacera a paciência deste povo laborioso.

«Que não seja preciso alçamento, ou construção de barricadas ou outros actos que não dignificam, mas que podem ser uma plausível, saída a este embroglio.

«As pedras parecem mudas e no entanto também falam; falam por imagens nelas esculpidas; falam por palavras nas inscrições

e ainda as que parecem mudas, se as provocam com arrogância, respondem altivamente com o eco, que ao fim e ao cabo é um tremendo rugido.

«Apelamos em nome do bom senso que os poderes responsáveis, quer dependam de Lisboa, quer de Aveiro, quer de Vila da Feira, quer de Espinho, solucionem este improprietário problema, senão pobres dos lesados a quem talvez se poderá aplicar aquilo que um frade beneditino escreveu a um outro do convento de Tibães a respeito das 5 letras que compõem MA-FRA: M — mortos; A — assados; F — fundidos; R — roubados; A — arrastados».

VENDE-SE

CARRINHA MORRIS MARINA — DIESEL

c/ 26.000 Km — Ano 80 — Pouco uso, em bom estado — Motivo justificado. Posso aceitar troca a gasolina

Falar Telef. 723927 — Espinho

ALUGA-SE SALÃO PARA ARMAZÉM

Telefs: 72 26 75 ou 72 26 47

LUSOTUFO

TAPETES - CARPETES - ALCATIFAS

Telefone 72005 — CORTEGAÇA

CASINO SOLVERDE ESPINHO

SESSÕES DIÁRIAS

Hoje, Quinta-feira, às 9,30 h
«STAR-TREK 2» — Não Ac. m/13 anos
Às 15.30 e 21 h — De 11/2 a 17/2
«FAME» Int. m/13 anos
Sextas, sábados e domingos 3 sessões
Sextas e sábados: 15.30, 21.15 e 23.45 h
Domingos: 15.15, 17.45 e 21.30 h
Sexta-feira, dia 11, às 23.45 h
«SELVAGENS DA NOITE» — Não Ac. m/18 anos
Sábado, dia 12, às 23.45 h
«O PROFISSIONAL» — Não Ac. m/18 anos
DOMINGO ÀS 11 H — MANHÃ INFANTIL
«HEIDI — A RAPARIGA DOS ALPES» — m/4 anos



O «peso» da região na economia nacional

Manuel Fontes

«Levam-me isto ao caos»

«Estou cansado disto. Não vejo pessoal que me compreenda. Estão sempre a opor-se, a fazer guerras, a reivindicar e levam-me isto ao caos». É o desabafo de Manuel Pereira Fontes, cuja indústria de tapeçarias é das mais importantes senão a mais importante de Silvalde.

Visivelmente abatido com a multiplicação de greves da sua indústria, que lhe criam problemas de vária ordem, Manuel Fontes, em quase todas as questões que lhe punhamos, «fugia» para os problemas laborais. E explicava: «Pena é que os meus operários não compreendam o sacrifício que tenho feito. Eles querem sempre que eu pague mais dinheiro que todos os outros meus colegas. É certo que antes eu podia pagar acima da tabela, porque beneficiava das novidades que criava. Agora não, porque os meus colegas estão com os olhos abertos e passados quinze dias já estão a copiar. E o senhor sabe muito bem que a concorrência, especialmente a desleal, não deixa ganhar dinheiro».

VENDAS ACUSAM «PESO» DAS GREVES

Com uma área fabril de 13 mil metros quadrados e cerca de 360 trabalhadores, a «Fontes» acusa, de facto, o peso das greves, e de outros factores, na sua facturação.

Em 1982, a firma facturou 364 mil contos, 289 dos quais para o mercado nacional. São, porém, números que ficam aquém das previsões. Em relação a 1981 houve um aumento de vendas de 32 mil contos para o mercado interno, quando se esperava que esse acréscimo fosse de 70 ou 80 mil contos. Em termos de vendas para o estrangeiro, os dados são ainda mais desmotivadores, já

que, em 1982, se vendeu menos 12 mil contos em relação a 1981.

Temos assim que as vendas, globalmente, subiram 12 por cento, enquanto os salários aumentaram 22.

A produção da fábrica atinge uma média diária de mil contos que, contudo, poderia ser maior se não se verificassem os entraves apontados.

CEE: RECEIOS APENAS NO SECTOR MECÂNICO

Apesar das greves — e dos incêndios nas instalações fabris — a «Fontes» consegue colocar no mercado estrangeiro uma média de 30 por cento da sua produção. Os países nórdicos, especialmente, mas também muitos outros espalhados pelos quatro cantos do Globo importam tapeçarias da «Fontes». Isso deve-se

fundamentalmente à preocupação de inovar, sempre presente em Manuel Pereira Fontes e nos seus mais directos colaboradores. Essa preocupação reporta-se não só à tapeçaria mecânica como à produzida em teares manuais.

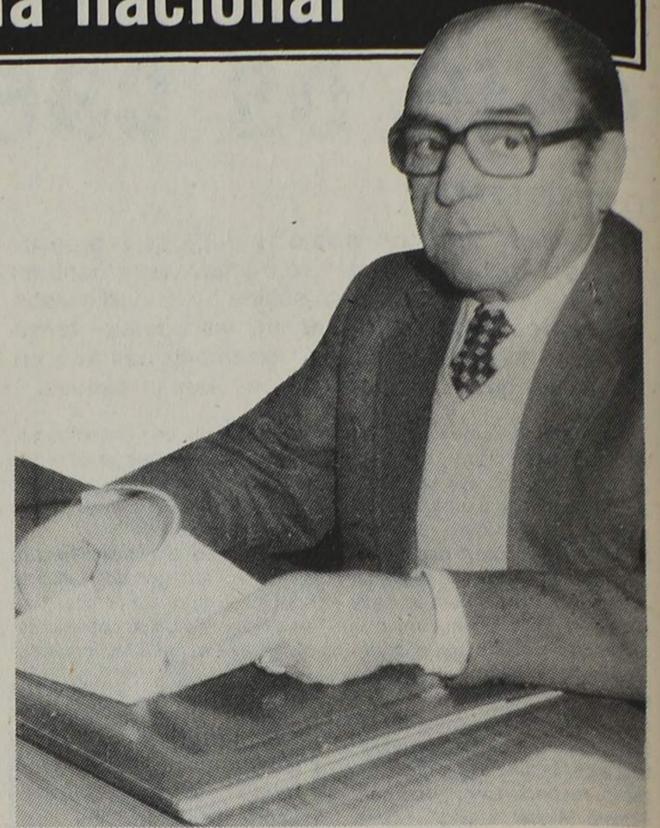
Já em relação à entrada na CEE, as preocupações que se colocam a «Fontes» se referem apenas ao sector mecânico, dada a forte concorrência, neste campo particular, de alguns países do Mercado Comum.

«Tenho certos artigos nos quais não tenho possibilidade de competir — disse-nos Manuel Fontes —, particularmente na carpeta tipo persa, pois estamos muito mal apetrechados para isso».

«Também temos outros problemas — prosseguiu —, embora o salário dessas pessoas

seja duas ou três vezes maior, elas produzem quatro ou cinco vezes mais. Tenho um amigo lá fora que tem 24 operários que fazem quase tanto «tipo persa» como eu aqui com os meus 360. Ele todas as semanas manda um e dois contentores de tapeçarias para os países árabes. Conseguem uma produção louca porque trabalham com outra matéria-prima e fazem isto: montam um tear em Janeiro numa cor e numa medida e trabalham até ao fim do ano assim, enquanto nós aqui montamos em Janeiro e a meados do mês já mudámos de cor e medida. Isso é um desperdício muito grande».

«Quero com isto dizer que no mecânico não estamos preparados. Mas quanto ao manual não temos receio», acrescentou.



«Pena é que os meus operários não compreendam o sacrifício que eu tenho feito», diz Manuel Fontes (Fotos de António Pereira)

A «Fontes» vista na «História da Indústria»

Em a «História da Indústria em Portugal», a evolução da firma Manuel Pereira Fontes, e do seu proprietário, vem descrita de forma a merecer aqui transcrição:

«Manuel Pereira Fontes é um dos mais abnegados obreiros que apresentamos aos nossos leitores, certos de contribuir com mais um nome para a galeria dos grandes valores da indústria actual. Nasceu em Silvalde, Espinho, a 23 de Maio de 1915 e filho do casal de comerciantes Joaquim de Sousa Fontes e D. Margarida Pereira Quintas, muito cedo se viu lançado nessa dura senda do trabalho onde as almas se facetam como as pedras finas e o rude contacto com os elementos hostis faz de cada homem esse batalhador infatigável que lhe permita vencer por seus próprios meios as correntes mais rebeldes da vida. Tinha mais ou menos 13 anos. Para trás ficava já a escola com os seus

leves ensinamentos; à sua frente levantava-se agora o palco maravilhoso do mundo onde poderia um dia elevar-se como um herói ou apagar-se como um vencido. Era ali que ele num futuro teria de representar a sua própria peça. Restava deixar passar os anos. E os anos fizeram dele o artista exímio e o homem brilhante.

«O seu primeiro mestre tapeteiro foi Adriano Gomes Ferreira que, quando Manuel Pereira Fontes tinha apenas 15 anos, o levou consigo para a ilha de S. Miguel, Açores, a fim de o ajudar a proceder à montagem de uma fábrica de tapetes para a firma Jaques Bensaúde. Foi ali que os seus ganhos começaram a aumentar, e conquanto Manuel Pereira Fontes não chegasse a ver o dinheiro que o seu preceptor guardava ou enviava para a sua mãe, todos os meses a firma lhe pagava 250\$000 acrescidos de mais 50\$000 como gratificação. Este foi o seu primeiro passo enérgico aos 15 anos, quando tantos ainda mal têm abandonado os infantis brinquedos.

«Três anos por lá morejou antes de voltar novamente ao Continente, e isto contra os projectos de Jaques Bensaúde que o desejava colocar à frente da parte técnica da fábrica e por motivo de certas divergências suscitadas entre Adriano Ferreira e a própria gerência.

«Mesmo assim ainda não foi desta vez que ele abandonou o seu primeiro mestre, e lá se foi na sua companhia para uma nova montagem em Paramos de onde um ano mais tarde saiu com um filho de Adriano Ferreira para uma fábrica que Manuel Marques Rola criou em Cortegaça e aos quais se ficou devendo muito da sua prosperidade. E aqui laborou durante mais dois anos antes de se estabelecer com uma pensão em Lourosa, junto à Feira dos 10.

«Felizmente que esta sociedade da pensão com um seu cunhado pouco durou, e Manuel Pereira Fontes voltou à sua primeira actividade onde se deveria vir a impor e a criar um prestígio que muito honra a indústria portuguesa.

«O princípio de Manuel Pereira Fontes foi como o de quase todos

os grandes industriais da história. Não possuía dinheiro nem valores que o representassem. Apenas era voluntarioso, combativo, honesto e sobretudo tinha uma illimitada fé nas suas possibilidades. Vencer assim é difícil. Mas ele sabia que outros tinham vencido antes. E sem outros preâmbulos lançou-se na miragem do grande sonho, certo de no meio da sede escaldante do trabalho árduo encontrar um dia o oásis consulador do triunfo.

«Depois de Manuel Pereira Fontes ter adquirido o primeiro tear que se propunha pôr a laborar em regime caseiro, faltava-lhe a matéria-prima. O primeiro pensamento foi o de que seus pais o poderiam ajudar, mas esta ideia teve de ser posta de parte. Tinha que confiar apenas nele, no seu honrado nome. E foi fiado nesta certeza que se dirigiu à viúva de Manuel Alves da Rocha onde adquiriu os dois primeiros fardos de sisal a crédito com os quais laborou durante um mês e conseguiu um lucro de 3500\$000 que foi afinal o seu primeiro dinheiro de industrial de tapeçarias.

«(...) Novos voos se lhe proporcionavam agora integrado na sociedade Pinto & Fontes, composta por ele e por Manuel Pereira Pinto, detentor de um alvará para seis teares. É então que surge o primeiro revés. O alvará concedido em nome individual não poderia ser aplicado a qualquer sociedade, e a fiscalização da Circunscrição Industrial acabou, por lucrar os teares em funcionamento com aparente prejuízo para os dois sócios. Mas nem mesmo assim Manuel Pereira Fontes se deu por vencido. E em poucos dias a fábrica reencontrava novamente em laboração noutro edifício e com outros teares (cinco construídos à pressa e um emprestado) montados numa dependência próxima da primitiva. Afinal esta interdição durou um ano, findo o qual os teares foram deslacrados e tudo pareceu retomar o seu curso normal.

«Neste período de tempo, Manuel Pereira Fontes havia adquirido a certeza de que aquela sociedade lhe convinha. Manuel Pereira Pinto, dedicava-se mais aos seus negócios de cordoaria do que ao fabrico de tapetes e isso não estava conforme as obrigações de cada um e os interes-

ses da própria sociedade. E Manuel Pereira Fontes adquiriu assim, para ele, a fábrica por maior valia oferta.

«Uma outra sociedade principiou então com a entrada de um novo sócio de apelido Pinto, também, esta de pouca vida. Um conflito familiar levou este sócio pouco tempo depois a ausentar-se para África e a situação voltava a ocupar uma posição que de momento não convinha ao nosso industrial de tapeçarias.

«Foi nesta altura que Joaquim Ferreira de Sá, negociante de madeiras, entrou para a firma Pinto & Fontes, agora denominada Pinto & Fontes, Sucessores, Lda. Rasga-se então um mais vasto campo de actividade industrial. Manuel Pereira Fontes gasta os dias e noites, com pequenos intervalos apenas, para descanso, num trabalho exaustivo que durou quase dez anos.

«E nesta ânsia de labor, até os próprios domingos são aproveitados para fazer tintos, deitar teias, pôr tudo em ordem para o dia seguinte.

«Pode dizer-se em seguro abono da verdade que toda a prosperidade futura desta firma se ficou devendo em grande parte ao seu esforço titânico e à sua competência de grande técnico da arte. O trabalho era o seu credo quotidiano, vivido com tanta crença, que bem podemos considerar de milagrosos os frutos dele colhidos.

«Entretanto fornecimentos para casas como os cinemas Politeama e Capitólio, começavam a granjejar à firma uma auréola de prestígio difícil de criar.

«O seu progresso tornou-se evidente. E sessenta e quatro teares enchiam, agora com o seu matraquear, os diversos pavilhões de uma sinfonia de azáfama, onde duzentas almas formavam já um grande batalhão de muitas famílias operárias. Foi então que nasceu a divergência que deveria separar os dois sócios. Um desentendimento por causa do guarda-livros e eis tudo, em suma.

«Manuel Pereira Fontes recebeu da sua parte nesta extinta sociedade a importância de 940 contos e a liberdade de poder dedicar-se sem peias a uma acção independente e sua, administrada a seu modo e concebida segundo o seu génio.

«O técnico e o industrial podiam campear assim a sua liberdade inova-

dora nos múltiplos aspectos da sua vida laboriosa, concebendo novas criações artísticas ou dilatando as próprias barreiras dos inúmeros mercados consumidores. Não o amedrontavam nem a crise que já se esboçava no seio do meio fabril das tapeçarias, nem o exagero da concorrência dos pequenos tapeteiros que começavam a pulular por parte com o regime livre em que o Estado colocara esta indústria de tantas tradições no nosso país. Isso é próprio apenas, dos líbios e impermissíveis, uma vez vorazes como os peixes em cardumes, outras vezes mais medrosos do que lebres. Manuel Pereira Fontes pertencia à ala dos grandes vencedores.

«O primeiro terreno adquirido para montagem das suas novas instalações fora logo a seguir a sua aquisição atingido pelo novo traçado da estrada nacional Porto-Lisboa, com consequente prejuízo para os seus projectos. Mas isso era apenas mais uma contingência do imprevisto com que já estava habituado a lutar. Tudo fora então localizado onde actualmente se encontra, e, com um número apenas de doze teares reatava assim o nosso homem a sua carreira de industrial.

«A sua primeira acção independente consistiu precisamente em rejeitar o fabrico das tapeçarias baratas tão de molde à acção de qualquer fabricante vulgar e a acarinar o fabrico precioso e bonito. Talvez não tivesse sido tarefa fácil. Mas o certo é que hoje os seus tapetes e carpetes «Picasso» constituem pela sua inovação futurista e beleza decorativa uma nota de grande realce dentro da criação das tapeçarias.

«Depois do estímulo que pôs no aproveitamento dos desenhos clássicos tão conhecidos através de colecções antigas, constituiu outro passo feliz no caminho do seu triunfo técnico. Pode dizer-se que a arte e a cor formam a base do efeito maravilhoso das suas criações, e a lá a matéria-prima principal, só em alguns artigos secundada pela juta, sisal, espadano ou cairo. De resto há três anos (em 1960) que esta luta abnegada se mantém persistente, sendo digno de especial menção o facto de Manuel Pereira Fontes possuir de momento já quarenta e quatro teares em trabalho atuado e um número mais ou menos de cento e quarenta operários (...).



Teares manuais na «Fontes». Neste campo não há receio da integração na CEE

Construções clandestinas

Câmara vai «dar a cara» ao problema?

«A Câmara deve agir com firmeza nos casos de construção clandestina», defendeu o vereador Valdemar Martins, do CDS, na última sessão pública camarária, sexta-feira realizada. Com esta declaração, surgida a propósito da construção de um armazém à margem da lei, aquele edil despoletaria um rosário de declarações de princípio sobre tão candante problema.

«Acho que hoje mesmo a Câmara deve definir o seu comportamento em relação às «clandestinas», prosseguiria Valdemar Martins, mostrando-se disposto a «assumir», como disse, decisões tendentes à demolição de construções ilegais.

O chefe da repartição técnica, Pinto Correia, concordaria com a declaração do centrista ao afirmar que as multas pelas construções ilegais são mais baratas que o preço das licenças.

Também o vereador social-

-democrata José Fonseca foi de opinião que a construção clandestina está a alastrar bastante no concelho. «Em Espinho só não constrói clandestinamente quem não tem dinheiro», disse, vincando que «isto de não dar a cara desautoriza-nos».

Valdemar Martins voltaria a intervir salientando que as construções clandestinas estragam o ordenamento urbano e reafirmando a necessidade de agir com firmeza.

Porém, para Rolando de Sousa, do PS, «a lei não protege essa firmeza».

Na mesma linha de pensamento, o chefe da edilidade, o socialista Artur Bártolo, diria que os tribunais só julgam os casos de construções de casas clandestinas com acto de desobediência. «Não sei se é uma posição cómoda ou se não podem ir mais longe», afirmou para justificar a necessidade de, antes de se en-

veredar pela via administrativa e consequente demolição, se mandar analisar a questão ao consultor jurídico da Câmara.

Numa perspectiva de fundo, o presidente da Câmara diria que não se pode ser muito rígido sem alternativas em presença. Referia-se às construções clandestinas para habitação própria, pois em relação àquelas que visam uma mera especulação imobiliária, o critério, na sua opinião, tem de ser mais rígido.

Um outro vereador, Carvalho e Sá, do PSD, poria a questão numa perspectiva temporal. Como se sabe, a anterior Câmara fez um levantamento das construções clandestinas visando uma eventual legalização. Depois do processo concluído, a edilidade seria rígida nas suas decisões quanto a novos casos. Ora, como se sabe, o processo está emperrado e nada, ou praticamente nada, a esse respeito foi

decidido. Para o ex-presidente da Junta de Paramos importa previamente «limpar o processo das «clandestinas» para depois se agir firmemente, criando-se, contudo, alternativas como a urbanização de terrenos e fornecimento de projectos por parte da Câmara. «Há Câmaras que dão terrenos e projectos alternativos. Porque não o fazemos também?», interrogou-se.

Valdemar Martins, porém, insistiu na necessidade de, independentemente do resto, se travar já o surto de construções clandestinas, enquanto Casal Ribeiro, da APU, sublinhava que, encerrado que está o levantamento das «clandestinas», os casos que apareçam devem ser analisados pontualmente. Para o vereador comunista, isso não invalida porém a necessidade de se avançar para uma solução do problema. Acha, contudo, que é preciso documentar previamente

todos os vereadores com toda a legislação sobre a matéria.

Nada em definitivo acabaria, por isso, por ficar decidido. Ficou no entanto a esperança que a edilidade ganhe coragem para

«dar a cara» a um assunto que embora melindroso, em termos político-partidários, urge resolver-se. Veremos se numa das próximas sessões camarárias isso acontece.

«Ilha» SAAL da Rua 43

«Vivemos numa autêntica piolheira»

«Vivemos numa autêntica piolheira», afirmam-nos moradores da Rua 43, junto aos barracos do ex-SAAL. Estes moradores estiveram na Câmara, por ocasião da última sessão pública da edilidade, para pedir diligências conducentes à retirada de tais barracos.

Sem as mínimas condições de habitabilidade os barracos constituem autênticas «ilhas» de imundície. Com esta situação sofrem não só os seus locatários, como os vizinhos do outro lado da rua, precisamente os que foram à Câmara fazer a reclamação.

A situação vem-se agravando na medida em que novos barracos vão surgindo, deteriorando assim ainda mais as condições de habitabilidade da zona.

«NÃO VENDO ILUSÕES»

Posto perante o problema, o presidente da Câmara disse não ver, «com toda a franqueza», a possibilidade de o resolver a curto prazo. Neste momento — disse — há mais de 3 mil pessoas sem casa. Só quando abrir o concurso para as casas da Marinha, os locatários dos barracos do ex-SAAL poderão ser alojados se não aparecerem famílias em piores condições de habitabilidade.

A insistência dos moradores, Artur Bártolo, disse ter sido contra a instalação dos barracos, há 7 ou 8 anos. Disse também escusar-se a promessas que não pudesse cumprir. «Não vendo ilusões», acentuou.

De qualquer modo, mostrou-se disposto a não permitir a construção de mais barracos no local.

Os barracos são, como se sabe, habitados por famílias de raça cigana.

Investidas do mar em Paramos

Órgãos do poder mexem-se

A edilidade está consciente do perigo que correm os moradores do lugar da Praia, em Paramos, dadas as constantes, e cada vez mais perigosas, investidas do

mar (ler reportagem na página 5 desta edição).

O presidente da Câmara foi alertado para o problema pelo chefe do executivo da freguesia

de Paramos, Augusto Gomes da Silva, e está a desenvolver contactos com a Direcção-Geral de Portos no sentido de resolver o problema.

Ao que sabemos, aquele departamento de Estado estaria já a estudar a implantação de um quinto e um sexto esporões, a localizar entre a Praia e a lagoa e em Esmoriz, respectivamente.

Campo de Cassufas

Aceleraram-se os estudos

A Repartição Técnica vai estudar, com urgência, a possibilidade de construção do tão falado campo de Cassufas, que, para além de outras funções, servirá para treinos do Sp. de Espinho e para jogos das camadas jovens do clube.

Também os Serviços Municipalizados vão emitir uma informação mais pormenorizada sobre o assunto. Essa informação é necessária já que próximo do local há uma nascente de água que é utilizada para parte do abastecimento domiciliário de água ao concelho. No entanto, os Serviços haviam já avançado uma informação que adiantava que, a construir-se o campo naquele local, os balneários deveriam ficar a pelo menos 50 metros da nascente. De igual modo, nenhum esgoto deveria confluir para aquele local.

Presidente em Lisboa

Tribunal, Correios e CP na agenda

O presidente da Câmara foi encarregado de se deslocar a Lisboa para tratar de vários assuntos relacionados com o Tribunal, os Correios e a vedação do caminho-de-ferro.

Em relação ao Tribunal, sabe-se que o projecto deverá ser reformulado, já que se pensa agora dotá-lo com quatro juízos.

Sobre os Correios, apurámos que os CTT estão a pensar na aquisição ou aluguer de um imóvel, já que o actual não comporta todos os serviços. Esta solução não parece, contudo, inviabilizar a construção da nova estação postal, erigível no ângulo das ruas 26, 27, 28 e 29.

Quanto às vedações, irão ser feitos acordos a um acordo recente Câmara/CP, segundo o qual a transportadora ferroviária cedia as vedações e o município a mão-de-obra.

Os primeiros passos da nova Câmara de Ovar (2)

OVAR (Do nosso correspondente, Waldemar Gomes Lima) — Como dissemos no último número, apesar da anterior Câmara não lhe ter deixado elaborado e aprovado o respectivo plano de actividades e orçamento para 1983, o novo executivo principiou a trabalhar com empenho para servir toda a comunidade.

Para além do que já referimos, diremos que em resultado de uma das deliberações camarárias, no fatídico cruzamento do Carregal será construída uma rotunda de modo a acabar-se com o autêntico «cemitério» de vidas que as placas e plaquinhas têm originado naquele local.

Foi ainda afluída a urgência da revisão do actual contrato de exploração do parque de campismo do Furadouro com o Clube de Campismo de S. João da Madeira, dado que este não tem cumprido. A ideia seria transformá-lo, como tudo aconselha, num futuro parque municipal de campismo. O levantamento de uma carta cultural e desportiva do concelho de Ovar foi também decidido, no sentido de colmatar as brechas existentes nesse tão vasto campo de acção da cultura, da arte, do desporto, da música, do folclore, do teatro, do «ballet», etc., etc..

Foi também constituída uma comissão de toponímia, que será formada por um representante da AM, um da A.F. e pelos municípios Waldemar Gomes Lima, Manuel Cascais de Pinho, Manuel Nunes Branco e José Maria Fernandes da Graça. Esta deverá iniciar de imediato os seus trabalhos para tentar remediar a falta de identificação de muitas ruas e respectivos números de polícia.

Além disso, foi também decidido elaborar um «estudo» para concursar uma rede de transportes públicos urbanos e suburbanos, de acordo já como futuro plano geral de urbanização de Ovar.

Em nosso entender, quanto ao novo plano geral de urbanização de Ovar, este deverá também estender-se de imediato a parte da freguesia de Válega (poente da antiga EN 109) e ao lugar do Olho Marinho, da freguesia de Arada — zonas essas que se impõe serem igualmente integradas nos futuros limites urbanos da desejada freguesia de Ovar. Se assim já tivesse acontecido em relação a Válega, como vimos defendendo há vários anos, evitar-se-ia o facto de não se ter autorizado ao emigrante José Maria Gomes da Silva a

construção de um imóvel de 6 pisos, no lugar da Espinha, em virtude da falta de infra-estruturas adequadas para uma construção de rés-do-chão e 5 andares. Embora autorizada pelo anterior executivo, a decisão de permitir tal construção foi revogada pela actual Câmara, autorizando-se apenas a construção de um rés-do-chão e dois andares.

Mas os pontos mais quentes das reuniões têm sido a reapreciação de processos de isenção de loteamentos urbanos concedidos ilegalmente pelo anterior executivo municipal, isenções essas que foram concedidas contrariando todas as normas estabelecidas pelo decreto-lei nº 289/73, de 6 de Junho, pelo que os notários, baseados na circular 80, de 21/5/73, da Direcção-Geral dos Serviços de Registo e Notariado, se recusam a fazer as respectivas escrituras notariais.

A actual Câmara já revogou, como se disse, diversos desses processos concedidos ilegalmente, atitude que tem originando contestação e protestos da «mafia», altamente prejudicada nos seus chorudos e altos negócios de exploração dos solos. Agora, cada um desses pro-

cessos deve ser reconvertido em meros pedidos de viabilidade de loteamento.

Com tão corajosa decisão parece que a actual Câmara pretende acabar com as irregularidades que chegaram ao ponto de resultar na usurpação dos próprios terrenos das vias públicas, sem que tivesse havido qualquer atitude para pôr termo aos abusos de autêntico crime — autorizavam-se as construções de «abortos», «mamarrachos», «pombais» e tudo o mais, sem preocupação de alinhamentos, recuos, vias projectadas, etc., etc.. E os critérios mudavam conforme os interesses dos casos ou a cara das pessoas...

É por isso que há muito a corrigir e esperamos que os actuais autarcas não se deixem influenciar pelos falsos amigos e decidam de acordo com a lei. Esperamos que tudo façam que para surjam, brevemente, o plano geral de urbanização de Ovar e o plano director do concelho, fazendo-o cumprir. Não façam como outros que nada ligaram ao plano do cordão do litoral da ria, razão porque para ali autorizaram construções que são um autêntico «crime» numa zona que tudo aconselhava preservar.



CASINO SOLVERDE ESPINHO

TELEF. 720238

**SÁBADO
DIA 12**
★
**SEGUNDA
DIA 14**

VENHA PASSAR O CARNAVAL CONNOSCO

No RESTAURANTE

- ★ JANTAR
- ★ TRAJE FATO ESCURO
- ★ PREÇO 3500\$00 POR PESSOA

No WONDER-BAR

- ★ CEIA LIGEIRA COM 1 GARRAFA DE ESPUMANTE PARA 4 PESSOAS
- ★ TRAJE À VONTADE
- ★ PREÇO 2000\$00 POR PESSOA

VARIEDADES DA 1.ª QUINZENA DE FEVEREIRO

CONJUNTOS – CARLOS MACHADO ★ SIGMA BAND
BALLET NIGHT REVUE SHOW – Ballet inglês
DUO BERARA – Antipodistas alemães

DE 10 A 20 DE FEVEREIRO

ARTISTA CONVIDADA

MERRY SHEMMA – Cançonetista australiana



PISCINA DE ESPINHO

2.ª Feira, 14 DE FEVEREIRO ÀS 22 HORAS

CARNAVAL

CONJUNTOS: { S.O.S
ESPAÇO (Valença)

RESERVAS NA CASA VITÓ – RUA 19
TEL. 721433 – ESPINHO

OFERECE-SE

Cavalheiro idóneo, aposentado, sendo ainda activo, possuindo carta de ligeiros (amador), alguma prática de escrever à máquina e abundante redacção de português. Pretende emprego de coadjuvação.

Carta a este Jornal ao n.º 6247



M MOREIRA OCULISTA

ÓPTICA – INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

TELEF. 723806

RUA 27, N.º 700 — 4500 ESPINHO

J. NUNES DE MATOS

MÉDICO ESPECIALISTA
RAIOS X-DIAGNÓSTICO

Especialista no Instituto Português de Oncologia.
Ex-assistente da Faculdade de Medicina.

Consultório: Rua 20, n.º 1436-r/C;Dt.º – Tel. 721975

DR. VIEIRA DA CRUZ

Médico

CLÍNICA GERAL
As 5.ªs feiras à tarde

Telef. 724401

Marcações todos os dias a partir das 16 horas.

CARLOS ALBUQUERQUE PINHO

MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DO APARELHO
DIGESTIVO
ENDOSCOPIA DIGESTIVA

Consultório:

Rua 31, n.º 321-Tel., 724401
4500 ESPINHO

JORGE PACHECO

MÉDICO DENTISTA



Consultório:

Av. 8 n.º 784-1.º

Telef., 722718

ESPINHO

INVESTIFE

INVESTIMENTOS
IMOBILIÁRIOS
E FINANCEIROS,
S.A.R.L.

Rua 15, n.º 225 – 4500 Espinho

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL
ORDINÁRIA

Nos termos da lei e dos estatutos, são convocados os Senhores Accionistas para se reunirem no próximo dia 26 de Março, pelas 15 horas, na sede social, em Assembleia Geral Ordinária, com a seguinte ordem do dia:

1.º – Discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1982;

2.º – Tratar de outros assuntos de interesse para a empresa.

Espinho, 26 de Janeiro de 1983

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL

José Soares de Amorim

Defesa de Espinho
2654 – 10/2/83

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Notária:

Maria Fernanda de Vasconcellos
de Aguiar da Fonseca e Castro

Certifico que por escritura de hoje, a folhas 14, do livro de notas para escrituras diversas 33-E, deste cartório, foi feita a rectificação à escritura de «CESSÕES DE QUOTAS E ALTERAÇÃO DE PACTO», da Sociedade «ESTIMA, VALENTE & COMPANHIA, LIMITADA», com sede na Rua 25, sem número, desta cidade de Espinho, outorgada aos cinco de Fevereiro de 1982, a sentido de que JOAQUIM DE ALMEIDA SOARES PINTO, possuía uma quota de 280000\$00 e ainda outra de 140 000\$00, esta advinda por óbito de sua mulher FAUSTA NEVES DE SOUSA MONTEIRO VALENTE, quotas estas distintas e independentes e ainda que o SR. DR. HENRIQUE NEVES ESTIMA possuía uma quota de 280000\$00. Que, assim, aquele JOAQUIM DE ALMEIDA SOARES PINTO, dividiu a sua quota de 280000\$00 em duas de 140 000\$00 cada uma que ficam a constituir quotas distintas e independentes e cedeu uma a DAMIÃO TEIXEIRA DA FONSECA e outra a ANTÓNIO TEIXEIRA DA FONSECA, pelo preço de 140 000\$00 cada uma. Que o mesmo JOAQUIM DE ALMEIDA SOARES PINTO ainda como herdeiro de sua referida mulher, cedeu a mencionada sua outra quota de 140 000\$00 a ADELINO DA SILVA OLIVEIRA por igual preço, renunciando à gerência naquelas e nesta na qualidade de sucessor habilitado à referida herança. Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 31 de Janeiro de 1983.

A Ajudante do Cartório
Marcelina dos Santos
Ferreira Coelho

«Defesa de Espinho»
2654 – 10/2/83



TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ESPINHO

ANÚNCIO

O dr. Joaquim Costa de Moraes, Mm.º Juiz de Direito do 1.º Juízo desta comarca de Espinho:

Faz saber que pelo 1.º Juízo de Direito desta comarca de Espinho – 1.ª Secção, são citados os credores desconhecidos do executado Virgílio David Cordeiro, proprietário, residente na Rua 21, 184 – Espinho, para no prazo, de 10 dias e decorridos que, sejam os 20 dias a contar da 2.ª e última publicação do anúncio, deduzirem os seus direitos na execução movida por Carvalho Gomes & Bento Ld.ª, Sociedade Comercial por quotas de responsabilidade Ld.ª, com sede na Rua 16-515-517 – Espinho, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Espinho, 25 de Janeiro de 1983

O Juiz de Direito
do 1.º Juízo;

(Assinatura ilegível)

O Escrivão-Adj;

(Assinatura ilegível)

Defesa de Espinho
2654 – 10/2/83



TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ESPINHO

ANÚNCIO

Faz-se saber que no próximo dia 8 de Março, pelas 10h00, à porta deste Tribunal, proceder-se-á à arrematação em hasta pública, 2.ª praça, pelo maior preço oferecido acima de metade do valor da avaliação, de um tear recto, motorizado, da marca «SOLEX» jogo 12, com 1,10m de comprimento, penhorado nos autos de Execução Por Custas n.º 121A/80, da Comarca de Torres Novas que o Magistrado do M.º P.º, naquela Comarca move contra a executada «Sociedade de Malhas Copiltex, Ld.ª», com sede nesta cidade na Rua 22, sendo depositário do referido bem, Manuel Gomes de Pinho, com domicílio profissional nas instalações da executada.

Em 31 de Janeiro de 1983

O Juiz de Direito

Norberto Inácio Brandão

O Escrivão-Adjunto

João Alberto Tavares
Mendes Bolhão

Ex-presidente do Académico:

«Conseguimos resultados muito positivos»

«Senti algo de traição por parte de pessoas que já estiveram ligadas ao clube» — disse-nos Américo de Freitas que, com a eleição dos novos corpos gerentes do Académico de Espinho, deixa a presidência deste clube.

Num balanço sobre a actividade desenvolvida durante o seu mandato de 20 meses o nosso interlocutor acrescentou:

«Esta direcção que saiu conseguida durante todos estes meses resultados muito positivos, tanto no desenvolvimento das secções como em melhoramentos nas instalações da sede. Nomeadamente foram feitas vitrinas para a colocação das taças, adquirimos dois bilhares, e a sede do clube está aberta toda a noite.

«Tentámos tudo por tudo, para irmos mais longe.

«Criámos uma secção de natação, mas quando tudo estava preparado para que o professor Jorge Ramiro fosse o treinador desta modalidade (ele ofereceu-se) teve que ir para Lisboa como técnico de atletismo do Benfica».

Depois de ter ganho um pouco mais de fôlego, continuou a fazer-nos uma retrospectiva do seu mandato:

«Também não pude ir mais longe, porque me faltaram dirigentes na hora da verdade. Não poderemos esquecer que o nosso mandato terminou em Maio de 1982, porque até esta data tive um elenco bastante positivo, embora faltassem dois elementos que por afazeres profissionais tiveram que abandonar. Do final do mandato até ao mês passado entraram quatro dirigentes. Não fui muito feliz nessa escolha, o que me entristeceu. Um dirigente com uma porção de anos ao serviço do clube virou-nos as costas, tendo-se esquecido

daquilo que eu fiz por ele. Não vale a pena estar aqui a dar a conhecer essas ajudas, esses comentários deixo-os ao cargo das pessoas que estão ligadas ao Clube Académico de Espinho».

Apesar destes pequenos dissabores no fim do seu mandato, Américo Freitas confessou-nos:

«Não estou nada arrependido em ter aceite este cargo. Ganhei muitos amigos, mas também arranjei alguns inimigos. Mas isto faz parte da vida dos dirigentes mais dinâmicos. Além de tudo isto, coloquei o Académico acima de toda a minha vida. Procurei estar em cima dos acontecimentos do clube, não deixando de estar todas as noites presente na sede desta colectividade».

«SENTI-ME TRAÍDO POR FORÇAS EXTERIORES»

O presidente cessante do Académico de Espinho disse-nos que ganhou amigos e alguns inimigos durante o seu mandato. Alguma «traição»?

«Não há dúvida nenhuma que eu senti algo de traição por parte de pessoas que já estiveram ligadas ao clube. Essas mesmas pessoas tentaram manipular outras que estão ligadas ao Académico. Mas a minha força de vontade era tão grande para dar seguimento ao meu trabalho, que, juntamente com os meus colegas de direcção, virámos as costas a todas essas «bocas». Ao fim e ao cabo, esses indivíduos não conseguiram destruir o nosso clube. Ele seguiu em frente apoiado pelos sócios, comércio e indústria».

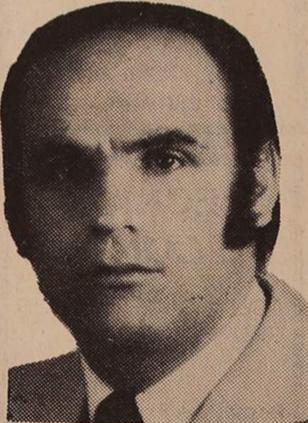
Falou em apoios do comércio e indústria ao Académico. Eles são coisa que se veja?

«Quanto aos apoios financeiros à nossa colectividade poderemos considerá-los positivos. Sempre que precisávamos de realizar provas, usámos o sistema de publicidade para esse fim. Sinto-me

muito satisfeito, com esse mesmo apoio dado ao clube. Devo agradecer, em nome do Académico, às entidades oficiais, comércio, indústria e amigos do clube tudo o que fizeram por ele».

O BALANÇO DAS SECÇÕES

Pedimos a Américo Freitas para nos fazer um balanço à actividade das quatro modalidades



«Faltaram dirigentes na hora da verdade»

praticadas no Académico. Começando pelo ciclismo declarou-nos:

«Foi a secção que mais me preocupou durante o meu mandato. Mas Manuel Durão,

homem experiente no ciclismo, tem sido incansável a preparar determinados ciclistas para provas federativas no ano corrente. Tenho a certeza que a próxima direcção vai continuar a apoiar esta modalidade».

Quanto ao futebol?

«O futebol, neste momento, encontra-se em fase de preparação para a digressão à Alemanha, França e Luxemburgo, para o próximo mês de Maio. Aproveito para agradecer todo o apoio dado pelo seccionista Alberto Godinho».

O atletismo?

«Quanto ao atletismo é de salientar o trabalho de Manuel Faustino, ajudado pelo seu irmão António e pelo Bessa. Graças a eles esta secção esteve presente em muitas provas, e tem vindo a crescer de dia para dia».

E quanto à pesca?

«Sobre a pesca há uma referência muito especial a fazer a esta secção, porque esteve presente em todos os concursos de pesca realizados no país. Por outro lado foi o clube com mais pescadores no concurso internacional de Vigo (Espanha). Isto tudo deve-se à grande vontade desses pescadores e ao seu gosto pela modalidade. Por outro lado, tiveram dois dirigentes à altura: Carlos Alberto e o senhor Macedo».

Pereira Alves volta à presidência

Fernando Pereira Alves, é de novo presidente do Clube Académico de Espinho. O seu mandato terá a duração de 12 meses. A sua eleição (por unanimidade) teve lugar na sede do clube, na passada sexta-feira, numa assembleia geral que decorreu com algum fervor clubista.

Por falta de tempo, justificado pelo conselho fiscal, não foi apresentado o relatório de contas. Ficou adiado para a próxima assembleia geral, a realizar amanhã, às 21h30. Também neste mesmo dia tomará posse a nova direcção.

Ficaram registados em acta dois louvores: um à direcção cessante, e outro a três figuras ligadas ao Académico: Avelino Mendes, Américo Freitas e Manuel Ferreira. Ambos os louvores foram aprovados por unanimidade e aclamação.

O NOVO ELENCO

Passamos a apresentar o novo elenco do Clube Académico de Espinho: **Assembleia geral** — Presidente: Avelino Mendes; vice-presidente: Álvaro Meireles; 1.º secretário: Napoleão Guerra; 2.º secretário: Américo Freitas; vogais: Manuel Pires, Abel Figueiredo e Celestino Bessa. **Direcção** — Presidente: Fernando Pereira Alves; vice-presidentes: Manuel dos Santos Macedo e João Vieira; 1.º secretário: Luís da Costa Freitas; 2.º secretário: Sérgio Ferreira de Almeida; 1.º tesoureiro: Alexandre Prata; 2.º tesoureiro: Manuel Ferreira; vogais: Alberto Rachão e José Pinto da Silva. **Conselho fiscal** — Presidente: Manuel Freitas; vice-presidente: Augusto Araújo das Neves; vogais: Diamantino Aurélio, Carlos Moreira e Fernando Lopes.

Hóquei em campo

Académica saiu da taça

A equipa de hóquei em campo da Académica de Espinho ficou pelo caminho na Taça de Portugal, ao ser eliminada pelo Desportivo do Viso, por 3-0.

A vitória da equipa portuense não sofre qualquer contestação. Foi um jogo muito bem disputado. Os académistas, até sofrerem o segundo golo, procuraram defender com «unhas e dentes» as suas redes. Depois, ainda se aventuraram a criar alguns problemas à defensiva do Viso, mas já foi muito tarde para qualquer viragem no resultado.

A Académica de Espinho alinhou da seguinte maneira: Magano II; Manel, Jesus, Adérito e Beto; Cruz, Agostinho e Catarino; Zé Milheiro, Magano III e Magano II.

Várias modalidades

VOLEIBOL

Resultados — Iniciados (masculinos): Leixões, 0 — S.C.E., 3 e A.A.E., 0 — Esmoriz, 3. «Nacional» da 1.ª divisão (femininos): Esmoriz, 0 — S.C.E., 3 (9-15, 3-15 e 4-15). Juniores: S.C.E., 0 — Escola Carolina Michaelis, 3.

CLASSIFICAÇÃO

1.ª divisão (femininos): 1.º Leixões, 8 jogos e 15 pontos; 2.º CDUP e Sporting de Espinho, 8-14; 4.º Guimarães, 8-13; 5.º Braga, 8-12; 6.º Vila Real, 8-11; 7.º Esmoriz, 8-9; 8.º Famalicense, 8-8.

HÓQUEI EM PATINS

«Nacional» da 2.ª divisão: A.A.E., 7 — Águias, 3.

CLASSIFICAÇÃO

1.º Carvalhos, 4-12; 2.º Escola Livre, 5-11; 3.º Ferpinta, 4-10; 4.º Paço de Rei e Águias, 3-7; 6.º Cerâmica de Valadares, 4-6; 7.º Académica de Espinho, 3-5; 8.º Ovarense e Régua, 4-5.

ANDEBOL

Taça de Portugal (femininos): S.C.E., 19 — Benfica, 22.

Equipa do Cortegaça vai a França

CORTEGAÇA (Do nosso correspondente, Augusto Oliveira) — Pouco ou nada nos temos referido ao futebol, não porque não o acompanhamos ou nos desinteressamos, pois bem reconhecemos que é a única actividade que nos prende e entusiasma em Cortegaça. Falta de oportunidade.

Mas a verdade é que Cortegaça mantém, em provas oficiais, 4 equipas, uma delas — JUNIORES — no Campeonato Nacional, na série que engloba o F.C. do Porto, Boavista, Sanjoanense, etc.. E lá se vai aguentando.

A equipa principal não tem estado muito feliz. Quase sempre perdendo por diferença de uma bola, esperamos consiga fixar-se em lugar que lhe permita a permanência na 1.ª divisão distrital, aliás, nosso objectivo.

A propósito da equipa principal, acabamos de saber que teve um convite, muito honroso, para se deslocar a França (Paris) em princípios de Abril, fazendo parte de um torneio. Sem dúvida deslocação a amparar, pois, além de constituir uma honra para Cortegaça, pode ser um «safanão» e estímulo para a rapaziada e será,

sem dúvida, uma grande alegria para os nossos muitos emigrantes. Mas esta deslocação, embora em condições favoráveis, fica caríssima e importa que a nossa Junta de Freguesia e mesmo a Câmara a amparem, concedendo um subsídio-auxílio que possibilite a realização da viagem. Assim o esperamos.

TOTOBOLA

Concurso dos órgãos de informação nº 8, relativo a 20 de Fevereiro de 1983. Prognóstico «D.E.».

Leixões-Benfica	2
Farense-Sporting	2
Silves-Boavista	x
Naval-Braga	2
R. Sociedade-Bétis	1
Santander-Real Madrid	x
Gijón-Barcelona	2
Málaga-A. Bilbao	1
Espanhol-Las Palmas	1
Arsenal-Ipswich	1
Manchester C.-Everton	1
Norwich-Watford	x
Stoke-Manchester Un.	2

«Defesa de Espinho»

Da direcção cessante do Clube Académico de Espinho recebemos um ofício a agradecer toda a atenção que o nosso jornal dispensou ao clube.

Registamos.

VENDEM-SE CÃES

SERRA DA ESTRELA

Raça Pura

Falar Telf. 722680 — ESPINHO

LICENCIADA EM GERMÂNICAS

— 6 ANOS DE EXPERIÊNCIA EM SECRETARIADO DE ADMINISTRAÇÃO
— TRADUTORA DE INGLÊS E ALEMÃO SELECIONADA PELA CEE

PROCURA SITUAÇÃO EM ESPINHO DE PREFERÊNCIA PART-TIME

Carta à Redacção deste Jornal ao n.º 6248



Tubos flexíveis, tubos fixos e toda a gama de acessórios, construídos em alumínio, inox e galvanizado.

westaflex (PORTUGAL)

FÁBRICA DE TUBOS FLEXÍVEIS — S.A.R.L.

DEL. NORTE: PARAMOS — ESPINHO ★ TEL. 722045

CAFÉ — RESTAURANTE e SNACK-BAR

COPÉLIA

COUTO & SOUSA, LDA. (Aberto até às 2 h. da manhã)

SERVIÇO À LISTA — PETISCOS E MARISCOS SEMPRE FRESCOS — SALA PRÓPRIA PARA CASAMENTOS, BAPTIZADOS, ETC.

Rua 23, n.º 808 — Telefone 723152 — 4500 ESPINHO



**CASINO
SOLVERDE
ESPINHO**

TEL. 720238

**TARDE INFANTIL
DE
CARNAVAL**

**NO SALÃO NOBRE
A PARTIR DAS 15H30
PRÉMIOS PARA OS MAIS BEM MASCARADOS**

**CONSTROEM-SE
MORADIAS**

**Seguras e Económi-
cas**

Contacte
Joaquim M. A. Cordeiro
Telef. (031) 53502 (das 9 às 10 H)
Cerca - 3780 ANADIA

RESTAURANTE ■ SNACK-BAR

O PADRINHO

Especialidades:
- BACALHAU À PADRINHO
E CABRITO ASSADO

Garcia Covelinhas & Soares, Lda.

Av. 24, n.º 697 - Telef., 720665 - 4500 ESPINHO



**Ferreira
de Campos**

**Dulce de Oliveira
Campos**

ADVOGADOS
Rua 11 n.º 877
Telefs., 722210-720805
ESPINHO

S O C U R A L
SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES E URBANIZAÇÕES, LDA.
TELEFONE, 721602 — ESPINHO

**Construção de apartamentos
em Propriedade Horizontal
Compra e venda de terrenos**

**TÉCNICO
DE CONTAS**

ACEITA ESCRITAS DOS
GRUPOS A B, OU C.

Resposta à Redacção deste
Jornal ao n.º 6245

ALMOCE
JANTE E CEIE
→ NO

**RESIDENCIAL
PORTO**
1.ª CLASSE

Telefones: 720294-720391
Ángulos das Ruas 8 e 25 — ESPINHO

**SNACK-BAR
S. PEDRO**

ABERTO ATÉ ÀS 4 HORAS
DA MANHÃ COM COZINHA
PERMANENTE

TERRENO

VENDO
COM 1.100 M2

Frente Rua 23
e Estrada Anta
Tratar telef., 722043

REFRIGERAÇÃO

COSTA & MOLEIRO

Construção e reparações de frigoríficos comerciais,
industriais e domésticos - Reparções de máquinas de
lavar, esquentadores e instalações de gás.

TELEFONE, 722759 — Av. 24 n.º 285 - 4500 ESPINHO

**VENDE-SE
APARELHAGEM
COMPLETA
DE DISCOTECA**

c/ Discos ou s/ Discos
Telef. 724236

FÁBRICA
HÉRCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS., LDA.

INDÚSTRIA TRANSFORMADORA

MATÉRIAS PLÁSTICAS
Injecção - Compressão - Extorsão
Insuflação - Rotação - Vácuo

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: HÉRCULES
TELEFONES: 720540-721098 — APARTADO: 40
- ESPINHO -

« HÉRCULES »
GARANTIA de FABRICO e QUALIDADE

**ESCRITAS
ACEITAM-SE
em part-time**

Guarda-livros aceita escri-
tas mesmo atrasadas grupos
A-B-ou C, todo o expediente
geral escritório.
Competência.

Falar:
Rua 18 n.º 427 - ESPINHO

**CERCIESPINHO
ASSEMBLEIA GERAL
ORDINÁRIA
CONVOCATÓRIA**

Em cumprimento do pará-
grafo único do Artigo 17.º dos
Estatutos da Cerciespinho,
convocam-se todos os sócios
para a Assembleia Geral a
realizar na sua sede, sita à
Estrada da Anta, Espinho,
pelas 20.30 horas do próximo
dia 18 de Fevereiro.

ORDEM DE TRABALHOS

- 1) Leitura e aprovação da
acta da Assembleia
Geral anterior.
- 2) Apreciação e aprovação
do Relatório de Activida-
des, Contas da Gerência
de 1982 e Parecer do
Conselho Fiscal.
- 3) Análise, discussão e de-
liberação sobre o
Decreto-Lei n.º 310/81,
de 17/11/81.
- 4) Discussão de qualquer
assunto de interesse
para a Cerciespinho.

Se à hora não estiver pre-
sente a maioria absoluta dos
sócios, a Assembleia reunirá
uma hora mais tarde, com
qualquer número de associa-
dos.

Espinho, 20 de Janeiro de
1983

O Presidente
da Assembleia Geral
Arqt.º **JERÓNIMO FERREIRA
REIS**

**OFERECE-SE
COZINHEIRA
PROFISSIONAL
PARA RESTAURANTE
OU PENSÃO
Telef. 721195**

**FERNANDO
GUIMARÃES
ADVOGADO**
Rua 19 n.º 927
Telef. 72 37 31
4 500 ESPINHO

**FERNANDO DOS SANTOS
FERREIRA DA SILVA**

«FERNANDO FACAS»

SETE ANOS DE ETERNA SAUDADE

Sua esposa e filhos mandam celebrar missa, sexta-feira dia 18,
pelas 8 horas da manhã, na Igreja Paroquial de Silvalde. Desde já,
reconhecidos, agradecem às pessoas que possam comparecer.

**MARIA AUGUSTA
VALENTE DE ALMEIDA**

AGRADECIMENTO

Sua filha vem, por este ÚNICO MEIO, agradecer muito reconhe-
cida a todas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral, bem como
às que assistiram à missa do 7.º dia.

**Saiba gastar bem
o seu dinheiro**

Com 500\$00 você não compra uma camisa, não vai ao restaurante, não paga a conta do
telefone, muito menos a renda de casa.

Mas com 500\$00 você fica a saber tudo em seu redor: como vamos de poder local, de
problemas sociais, de desportos, etc., etc. E tem também uma tribuna para dizer de sua justiça.

Com 500\$00 você paga uma anualidade do «Defesa de Espinho» e terá em casa durante 52
semanas, e sem mais incómodos, o mensageiro amigo. Que você além de viver numa sociedade
deve «vivê-la».

Nome

Morada

..... Código postal.....

Recorte o cupão e envie-o para o Apartado 39 - 4501 ESPINHO Codex, devidamente
preenchido e acompanhado de 500\$00 em cheque, vale postal ou outra qualquer forma.

O «Nacional» de futebol

Ponto a ponto espinhenses vão enchendo o «papo» ...

Ponto a ponto vai o Sporting de Espinho enchendo o «papo». Uma vez mais, a turma comandada pelo jovem técnico Alvaro Carolino confirmou que a sua maneira de jogar se adapta melhor fora de casa. Aliás os oito pontos já conquistados no terreno do adversário são reflexo do que dissemos atrás. A turma espinhense defende bem e sabe

explorar da melhor maneira a velocidade de Vitorino e Moinhos. O jogo do passado domingo era de muita importância para o Espinho, porque defrontava uma equipa do «seu» campeonato.

Não podia perder. Conseguiu um empate, o que já foi deveras satisfatório para as suas aspirações. Alguns poderão dizer que este ponto conquistado pelos espinhenses na Madeira teve alguma

dose de sorte. Mas quem a não tem?

Pela apatia revelada pela equipa madeirense durante a primeira parte, os jogadores do

Espinho não tiveram qualquer dificuldade em controlar as investidas do seu adversário. No entanto, quase no termo dos primeiros quarenta e cinco minutos, Oliveira viu um seu remate (fortíssimo) «beijar» a trave da baliza de Mendes.

O Sporting de Espinho, que na primeira parte tinha feito um futebol ao sabor das ondas (repousado) por culpa do seu antagonista, não se cansou muito. No período complementar teve que se empenhar mais, porque o Marítimo entrou de outra maneira, ou seja, mais agressivo. Apesar disso, os «tigres» da Costa Verde não deixaram de jogar com o mesmo sistema táctico com que

tinham iniciado a partida, ou seja, 4x4x2.

Devido à excelente cortina defensiva dos espinhenses, os homens da «pérola» do Atlântico tiveram que optar pelos remates de fora da área, o que lhes foi fatal, porque Mendes respondeu sempre presente.

O resultado final acaba por se aceitar, pelo futebol realizado pelas duas equipas. Por um lado, premeia o voluntarismo dos espinhenses; por outro, é um castigo para a turma madeirense, que não teve um trio atacante ofensivo para bater Mendes.

Quanto ao trabalho de Fernando Alberto, ele foi aceitável.

Câmara colabora com o SCE

A Câmara de Espinho vai colaborar no que lhe for possível com o Sporting de Espinho, na manutenção do relvado do campo da Avenida.

A direcção dos «tigres» tinha pedido à Câmara a colaboração em vários sentidos, nomeadamente na manutenção da relva do seu campo. O executivo camarário respondeu de forma positiva a esta solicitação dos espinhenses, cedendo dois jardineiros para o tratamento do «tapete verde», bem como uma porção de terreno para um viveiro.



Esta é a equipa do Sp. Espinho que conseguiu um excelente empate na Madeira, e que lhe possibilita pensar com mais tranquilidade no futuro. De pé, da esquerda para a direita: Serra, Raúl, Balacó, Vivas, Mória e Vitorino. Em baixo: Pinto da Rocha, Dinis, João Carlos, Mendes e Salvador. (foto António Pereira)

Marítimo, O-Sp. Espinho, 0

Jogo no Estádio dos Barreiros, no Funchal. Árbitro: Fernando Alberto (Porto).

MARÍTIMO - Quim; Olavo, Oliveira, Quim Manuel e Humberto; Aguas, Albertino e Eduardinho; Nanino, Beca e Flávio. Ainda jogaram: Toninho Metralha e Marineu.

SP. ESPINHO - Mendes (3); Vivas (3), Balacó (3), Serra (3) e Raúl (2); Dinis (2), Carvalho (2), Mória (2); David (2), Moinhos (1) e Vitorino (2).

Ainda Jogaram: Babá (-) e Vitor Manuel (-).

Ação disciplinar: cartão amarelo para Balacó (aos 84 m) e Oliveira (aos 86 m).

Rali Vinho do Porto

Máquinas atravessam Espinho às primeiras horas do dia 3

Se quiserem ver as máquinas do Rali do Vinho do Porto, os adeptos locais do automobilismo terão de madrugar no dia 3 de Março - uma quinta-feira - pois os concorrentes passarão nesta cidade, provindos do Estoril e em direcção à Póvoa, pelas 6h00-6h30 daquele dia.

A edição 83 da mais importante prova automobilística realizada no nosso país foi recentemente apresentada no Casino de Espinho tendo sido então referido que o percurso total da prova terá aproximadamente 2 mil e 400 quilómetros, divididos em 5 etapas. O rali, que decorrerá entre 1 e 6 de Março, terá 43 provas de classificação com a extensão total de cerca de 675 quilómetros.

A primeira etapa Estoril/Estoril mais não é do que a transposição da célebre noite de Sintra para uma etapa inicial diurna, a exemplo do que foi tentado, com êxito, em 1982.

Terá a extensão de 152 Km, e nove provas de classificação com um total de 66 Km.

Entre cada passagem pelas três provas clássicas: Lagoa Azul, Peninha e Sintra, haverá um controlo no Autódromo do Estoril, frente às bancadas.

O Autódromo será, de resto, o cenário do início das 1.ª e 2.ª etapas, bem como do final da 1.ª e 5.ª etapas, além do tradicional «Slalom» e da distribuição de prémios.

Após uma neutralização de 5 horas e meia terá início a 2.ª etapa que ligará o ESTORIL à PÓVOA DE VARZIM, passando por ESPINHO.

A etapa inclui apenas cinco provas de classificação - Montejunto/S. Pedro de Moel/Figueira da Foz/Préstimo e Vouga.

A sua extensão será de 555 Km e apenas haverá 55 Km de provas de classificação. Existiu nesta nova estrutura a intenção de levar o maior número possível de concorrentes ao norte do País, onde, como se sabe, há um extraordinário entusiasmo pela modalidade.

A Póvoa de Varzim onde, desde há anos, a Organização tem encontrado o maior apoio quer da Câmara Municipal, quer da Sopete, será, mais uma vez, cenário dos mais significativos momentos do RALLYE DE PORTUGAL - VINHO DO PORTO no norte do País.

Com efeito, para além da chegada da 2.ª etapa, cerca das 07.45 horas de quinta-feira, dia 3, verificar-se-ão, na bela cidade poveira, a partida e chegada da 3.ª etapa e ainda a partida para a 4.ª etapa, na manhã de 6.ª feira, dia 4.

Pelas 14.30 horas de quinta-feira, dia 3, os concorrentes partirão para a 3.ª etapa PÓVOA DE VARZIM/PÓVOA DE VARZIM,

onde começarão as provas de classificação: disputadas sobre pisos de terra. A etapa com 472 Km compreende 10 provas de classificação, Portela/S. Lourenço de Montaria/Orbacém/Gávea e Arcos, cada uma delas a ser percorrida por duas vezes.

Às 09.30 horas de 6.ª feira, dia 4, será o momento em que os automobilistas largarão para a 4.ª etapa que ligará a PÓVOA DE VARZIM a VISEU e na qual se registará uma neutralização na RÉGUA.

A etapa terá 500 Km de extensão e dez provas de classificação - Fafe / Cabreira / Senhora da Graça / Marão / Baião / Lamego / Mões 1 e 2 e Viseu 1 e 2, que representarão 214 Km.

A chegada a VISEU verificar-se-á às 20.45 horas e a partida para a 5.ª etapa, VISEU/TOMAR/ESTORIL terá lugar às 04.00 horas de sábado, dia 5.

Não obstante os numerosos quilómetros já percorridos pode afirmar-se que nada estará decidido em termos de classificação. À frente dos concorrentes haverá ainda 750 Km, incluindo 9 provas de classificação entre as quais duas passagens por Arganil com 56,5 Km cada uma.

As outras provas serão Candedosa e Lousã, ambas a percorrer igualmente por duas vezes e ainda Martinchel, S. Facundo e Coruche.

PRÉMIO SOLVERDE

Mendes	33
Raul	30
Dinis e Serra	29
Balacó	28
João Carlos e Vitorino	25
Carvalho	23
Moinhos	22
Salvador	20
Pinto da Rocha	19
Mória	18
Vivas	14
Salvado	13
Babá	4
David	3
José Augusto	1

MARCADORES

Gomes (F.C. do Porto)	23
Nené (Benfica)	16
N'Habola (Rio Ave)	14
Filipovic (Benfica)	12
Jordão (Sporting)	11
Walsh (F.C. do Porto)	9
Oliveira (Sporting)	8
Raul Águas (Portimonense)	7
Joaquim Rocha (Guimarães)	7
Moia (Espinho)	4
Pinto da Rocha (Espinho)	3
Bábá (Espinho), João Carlos (Espinho), Vitorino (Espinho) e Salvado (Espinho)	1

RESULTADOS

Estoril-Salgueiros	1-0
Benfica-Setúbal	1-1
Guimarães-Boavista	1-1
Marítimo-Espinho	0-0
F.C.Porto-Braga	5-0
Rio Ave-Sporting	0-1
Amora-Portimonense	3-0
Alcobaça-Varzim	0-2

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	F.	C.	P.
BENFICA	18	14	3	1	45	10	31
F.C. Porto	18	12	4	2	42	12	28
Sporting	18	10	5	3	33	19	25
Guimarães	18	8	5	5	23	15	21
Varzim	18	7	6	5	16	23	20
Estoril	18	7	5	6	16	21	19
Rio Ave	18	8	2	8	30	26	18
Braga	18	8	2	8	25	28	18
Setúbal	18	6	4	8	15	22	16
Espinho	18	5	6	7	11	20	16
Portimonense	18	6	3	9	22	24	15
Salgueiros	18	4	6	8	13	19	14
Boavista	18	4	5	9	15	26	13
Amora	18	4	5	9	14	24	13
Marítimo	18	3	6	9	11	24	12
Alcobaça	18	1	7	10	10	28	9

PRÓXIMA JORNADA

Varzim-Estoril
Salgueiros-Benfica
Setúbal-Guimarães
Boavista-Marítimo
Espinho-F.C.Porto
Braga-Rio Ave
Sporting-Amora
Portimonense-Alcobaça

A bandeira portuguesa

□ Luís Stubbs Saldanha Monteiro Bandeira (*)

Estamos certos que se manteve com forma quadrada, ocupada pelas armas do Rei e que a partir de El-Rei D. João II ficaram definitivamente constituídas por cinco escudetes azuis em cruz, pendentes, carregados cada um de cinco besantes, com a orla de encarnado carregada de castelos de ouro, cujo número foi fixado em oito; mais tarde — mas erradamente — foi reduzido a sete.

Provavelmente no século XVII ou no seguinte, a Bandeira Real passou a ser branca tendo ao centro o escudo Real encimado pela coroa fechada. Quando em tempo do Rei D. João VI foi criado o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, foi mandado representar este Estado por uma esfera armilar, porque já então se tinha estabelecido a lenda de que as quinas representavam Portugal e a orla dos castelos o Algarve. Com a morte do Rei D. João VI ficou a figurar nas bandeiras apenas o escudo das quinas e castelos, em campo branco, porque esta era a cor da Bandeira Real havia muito, embora a Bandeira do Rei D. Sebastião e talvez a da aclamação do Rei D. João IV fossem provavelmente encarnadas.

As cortes de 1820 tinham escolhido para o laço nacional as cores azul e branco e, por um decreto de 1830, a bandeira passou a ser partida dessas duas cores, tendo sobre a divisão das cores o escudo das armas reais.

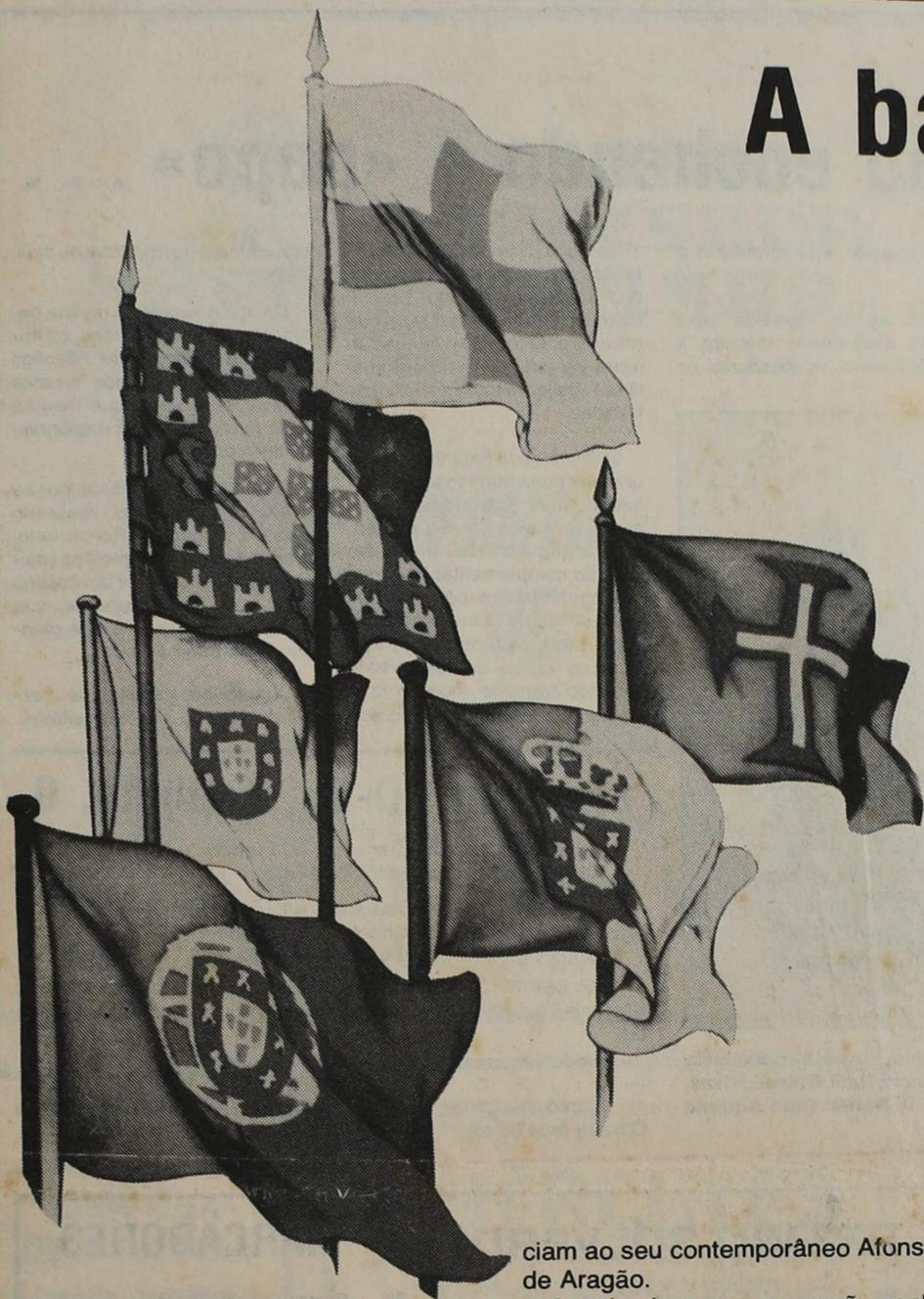
Com a proclamação da República a bandeira teve nova reforma. Em 19 de Junho de 1911 foi lavrado um decreto pelo qual a bandeira ficou partida de verde e vermelho, aquele do lado da haste e sobreposta à partição a esfera armilar carregada do escudo das quinas, tendo este dimensões excessivas em relação àquela, sem qualquer timbre.

A bandeira real foi de cetim, de tafetá, de ruão de damasco e de outras qualidades de seda, com as armas bordadas, ou pintadas.

As cores verde e vermelho tinham sido adoptadas na revolução de Janeiro de 1891 porque eram as das bandeiras dum centro federalista ibérico.

Recolhemos aliás a informação de que todas as bandeiras partidas eram de origem maçónica.

(*) in «Mama Sume»



A noção de Bandeira Nacional é relativamente recente, porque primitivamente a bandeira representava o soberano e também o Estado de que ele era senhor. Nesta bandeira estavam representadas as armas da família soberana (real, ducal, condal, etc. . .).

Muito mais tarde é que se começou a ligar a esta bandeira o sentido de representação do território governado por esse soberano, e, como tal, era arvorada nas fortalezas, navios de guerra, etc. . .

A Bandeira Portuguesa, começa certamente com o Rei D. Afonso Henriques, mas ignora-se a sua composição heráldica porque não podia ser a Cruz de azul em campo branco que, segundo uma informação de pouco crédito, foi considerada como tal por Afonso Dornellas, no Ilucidário Nobiliárquico, e depois oficializada nos Centenários da Fundação e Restauração de Portugal. Dizemos que as armas não podiam ser as do nosso primeiro Rei, pois pertenciam

ao seu contemporâneo Afonso I, de Aragão.

As primeiras armas que são conhecidas historicamente são as do tempo do Rei D. Sebastião I e constituídas por um número variável de escudetes carregados de número também variável de besantes. A explicação que se tentou dar para filiar estas armas na suposta cruz azul do Conde D. Henrique não resiste ao simples bom senso.

É de supor que a pouco e pouco o número de escudetes se tornasse aproximadamente fixo, o que mais plausivelmente pode ligar-se com certas formas de selos rodados, que remontam à mesma época.

Como não existem documentos ou informações é de enorme dificuldade traçar a sua evolução. Não é conhecida em Portugal, até agora, qualquer bandeira da Idade Média, ou mesmo, nem sequer dessa época.

Ignora-se como foi a bandeira do nosso primeiro Rei.

A bandeira dos Reis de Portugal era quadrada. De forma geral, as signas eram tanto mais importantes quanto mais simples era a sua forma.

Ainda mantém a promessa de não fumar?

Você é um dos muitos que enfrentou o novo ano prometendo deixar de fumar e perder peso. Ainda mantém as promessas?

Não tenha problema. Aqui vão algumas orientações a seguir, dadas por dois psicólogos americanos dedicados à medicina do comportamento, Saul Shiffman e Eileen Edmunson.

Para deixar de fumar:

O escritor norte-americano Mark Twain disse: «Deixar de fumar é fácil. Fi-lo umas cem vezes». Tinha razão, diz Shiffman — 75 por cento dos que deixam de fumar recomeçam no prazo de seis meses.

Mas Shiffman acrescenta que se você compreender por que fuma, e conseguir a aptidão necessária para parar, verá consideravelmente aumentadas as suas hipóteses de evitar um regresso ao vício.

«Situações como beber, comer, de descanso em casa, ou de pressão psicológica constituem

motivo frequente para um regresso ao cigarro», afirma.

«Uma vez decidido a parar de fumar, é necessário aprender a não voltar ao hábito. Isso é mais fácil quando atitudes como a de recusar um cigarro oferecido forem exercitadas até que a resposta se torne automática.»

«Você não deixará realmente o hábito sem reflectir no problema», afirma. «Você tem que estar preparado.»

Shiffman nota que mastigar pastilha elástica ou praticar exercício físico também ajuda. O mesmo acontece concentrando-nos em imagens mentais agradáveis associadas a não fumar e recorrer a elas durante o período de três a cinco minutos em que a necessidade de fumar se torna mais forte.

«Alguns pacientes acham mais fácil resistir a um cigarro imaginando-se a si próprios há uns anos atrás, quando se sentiam melhor. Outros imaginam-se a jogar uma partida de ténis

sem que lhe falte o fôlego», afirma.

Para alguns, torna-se mais fácil evitar uma recaída quando os amigos lhes dão apoio emocional ou então quando deixam de fumar juntamente com eles.

«O sistema de abandonar o tabaco entre amigos tem que se lhe diga. Algumas pessoas temem abandonar amigos ao recomeçarem a fumar», diz.

Para perder peso:

Eileen Edmunson afirma que vários destes mesmos princípios se aplicam às tentativas de emagrecimento.

Determine quais as situações que mais provavelmente contribuirão para que coma demasiado — festas e datas especiais, por exemplo. Pense então no seu corpo como um registo de calorias. Poderá compensar o ter comido demais comendo menos noutros dias, ou omitindo o almoço ou pequeno-almoço num dia em que espera ter um jantar de muitas calorias.

DEFESA « ESPINHO

Fundado em 27 de Março de 1932 por Benjamim da Costa Dias
Propriedade da EMPES — Empresa de Publicidade de Espinho, Lda.
Redacção e Administração na Rua 26 n.º 601-2.º Esq. — Apartado 39 — 4501 ESPINHO Codex — Telefone 721525
Maquetagem da EMPES — Publicidade
Fotocomposição e impressão nas Oficinas Gráficas de «O Comércio do Porto», Avenida dos Aliados, 107 — 4008 PORTO Codex
Tiragem média de 3.500 exemplares
Depósito Legal n.º 1604/83

Porque podem não reflectir a linha editorial do «Defesa de Espinho», os textos assinados são da exclusiva responsabilidade dos seus autores

Semanário ☆ Sai à quinta-feira

PORTE  PAGO

Camara Municipal de Espinho

Apartado 150

4502 ESPINHO CODEX